



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A influência dos/as
sobrinhos/as e/ou afilhados/as
na aspiração à parentalidade
de pessoas LGB**

Inês Filipa Santos Parente

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Pedro Alexandre Costa

Professor de Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Pedro Alexandre Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2021

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação
do Professor Doutor Pedro Alexandre Costa,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário para
a obtenção de grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Pedro Alexandre Costa por me ter acolhido tão bem no seu seminário, pela partilha de conhecimento, pela sua dedicação, disponibilidade, presença e apoio nos momentos de maiores dificuldades. Foi uma viagem muito enriquecedora, guardo-a com muito carinho.

Aos meus pais, pelo vosso amor e cuidado, por serem o meu abrigo e porto seguro, por me darem força e acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu não acredito. Muito obrigada por estarem sempre presentes na minha vida, por me apoiarem incondicionalmente e me ajudarem na concretização dos meus sonhos. Tenho muita sorte por vos ter como pais. Amo-vos muito.

Ao meu namorado, Tiago, por ser casa. Muito obrigada pelo teu amor, carinho e cuidado constante, obrigada pelo teu apoio incondicional nos momentos mais difíceis e de dúvida. Obrigada por me dares força para concretizar os meus sonhos, pela confiança nos momentos de incerteza e pela felicidade nas conquistas. Sem ti, este caminho tinha sido mais difícil. Amo-te muito.

Aos meus queridos avós, Cândida e Fortunato, por estarem sempre presentes na minha vida, pelo amor, cuidado e apoio incondicional, pelos conselhos e aprendizagens e por terem contribuído para as melhores memórias que tenho da minha infância. Tenho muita sorte de vos ter na minha vida. E em especial para ti, meu querido avô, estejas onde estiveres, estarás sempre presente na minha vida e no meu coração, espero que estejas orgulhoso e a olhar por mim. À minha madrinha, por estar sempre presente, por me apoiar, por ter sempre uma palavra amiga, pelo carinho, cuidado e amor. És muito importante para mim. Amo-vos muito.

Aos meus primos, Gonçalo e Soraia, por estarem sempre presentes na minha vida, por me apoiarem incondicionalmente e por cuidarem de mim. Para mim, vocês são os irmãos que nunca tive. Agradeço à minha prima Paula e tia Lúzia, pelo carinho, cuidado, apoio e força na concretização dos meus sonhos.

Aos meus amigos, por estarem sempre comigo e por me motivarem a concretizar os meus objetivos. Agradeço às minhas colegas de faculdade, Mónica, Raquel, Sara e Helena, por tornarem este percurso mais leve, fácil e divertido. Sem vocês, estes 5 anos tinham sido mais difíceis.

Agradeço a todos os participantes deste estudo, pela disponibilidade, ajuda e confiança. Sem vocês, isto não seria possível. Agradeço a todas as associações LGBT com quem contactei, pela disponibilidade demonstrada.

Agradeço ao ISPA por esta caminhada enriquecedora de 5 anos, por me ter acolhido e desafiado, pelas aprendizagens e experiências partilhadas e por me ter ajudado a concretizar o meu sonho.

Resumo

Este estudo teve como objetivo explorar se os sobrinhos e/ou afilhados influenciavam e, de que forma, a aspiração à parentalidade em pessoas Lésbicas, Gays, e Bissexuais (LGB). Foi recolhida uma amostra de 10 participantes com idades compreendidas entre os 23 e os 34 anos. Da totalidade dos participantes, sete identificavam-se como homens gays, duas como mulheres lésbicas e uma como mulher bissexual. As entrevistas foram realizadas *online* através do Skype e do Zoom e foram analisadas através do método da análise temática, tendo sido identificados seis temas e sete subtemas. Os resultados revelaram que as relações com os sobrinhos/as e/ou afilhados/as são únicas e, que estas crianças influenciavam a desconstrução dos valores familiares tradicionais. Verificou-se que os sobrinhos/as e/ou afilhados/as podem influenciar tanto no despertar, na intensificação, reflexão ou cessação do desejo parental, como na criação de expectativas associadas à parentalidade. Para além disso, estas crianças exercem igualmente influências na forma como se conceptualiza a parentalidade e na construção de um modelo de pai/mãe que se ambiciona ser. Por fim, foi revelado como o preconceito pode ser um obstáculo à parentalidade e como a ligação à comunidade LGBT minimiza os efeitos adversos do preconceito na aspiração parental. Assim, o estudo contribui para o conhecimento sobre a aspiração parental em pessoas LGB e para o conceito de família.

Palavras-Chave: LGB; Parentalidade; Sobrinhos; Afilhados; Família

Abstract

This study aimed to explore whether nephews and/or godsons influenced and how the parental aspirations in LGB people. Thus, a sample of 10 participants aged between 23 and 34 years was gathered. Of all participants, seven identified themselves as gay men, two as lesbian women and one as a bisexual woman. The interviews were conducted online via Skype and Zoom and were analyzed using the thematic analysis method, with six themes and seven sub-themes being identified. The findings revealed that relationships with nephews and/or godchildren are unique, and through these relationships, these children influenced the deconstruction of traditional family values. It was found that nephews and/or godchildren can influence both the awakening, intensification, reflection, and suppression of parental desire, as well as the creation of expectations associated with parenthood. Furthermore, these children also influence the way parenting is conceptualized and the construction of a father/mother model that they aspire to be. Finally, it was revealed how prejudice can be an obstacle to parenting and how the connection to the LGBT community minimizes the adverse effects of prejudice on the parental aspirations. Thus, this study contributes to knowledge about the parental aspiration in LGB people and the concept of family.

Keywords: LGB; Parenting; Nephews; Godsons; Family

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Família e Parentesco.....	2
Atitudes em relação a, e as Famílias Homoparentais	3
Aspiração Parental em Pessoas LGB	6
<i>Ausência de aspiração parental</i>	11
O Presente Estudo	13
Método	15
Desenho de Investigação	15
Participantes	15
Instrumentos	17
Procedimentos	17
Plano de Análise.....	18
Resultados	19
“O meu Sobrinho/a e/ou Afilhado/a Aquece-me o Coração”	22
A importância da Coparentalidade na Desconstrução das Relações Tradicionais	23
A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na ideia de Coparentalidade	25
Possibilidade do exercício da parentalidade sem companheiro/a.....	26
Inconstância da Aspiração Parental ao Longo do Tempo	27
A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na aspiração parental	28
As Expetativas Associadas à Parentalidade	31
A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as... nas expetativas associadas à parentalidade	32
A Influência dos/as Sobrinhos/as e/ou Afilhados/as na Conceptualização de Parentalidade ..	32
O Preconceito Associado à Homoparentalidade	35
O preconceito existente na sociedade	35
O preconceito na família de origem.....	36
A ligação à comunidade LGBT	37
Discussão	38
Limitações	49
Estudos Futuros	50
Conclusão.....	50
Referências.....	53
Anexos	61
Anexo 1 – Carta de Consentimento Informado	61

Anexo 2 – Carta de Esclarecimento Pós-Investigação.....	63
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos participantes	16
--	----

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa Temático	21
--------------------------------	----

Introdução

Ao iniciar a vida adulta e segundo o ciclo de vida, é frequente ocorrerem diversas transições na vida das pessoas (Amato & Kane, 2011). Neste sentido, ter filhos integra-se numa destas transições esperadas, podendo acompanhar-se de outras mudanças igualmente relevantes como o cumprimento da escolaridade obrigatória, empregar-se, deixar a casa dos pais, ou casar (Amato & Kane, 2011). A definição de aspiração parental integra o desejo e a intensidade de ambicionar constituir família com filhos, planear e refletir sobre o assunto, as perceções de eficácia do próprio em tomar conta de uma criança, as motivações parentais e, por fim, as expetativas sobre a parentalidade (Salinas-Quiroz et al., 2019; Simon et al., 2018; Tate & Patterson, 2019). Em Portugal, no ano de 2016, o Parlamento Português permitiu que os casais do mesmo sexo pudessem ter filhos, seja através da coadoção, adoção conjunta ou técnicas de reprodução assistida, o que permitiu que mulheres lésbicas, homens gays e pessoas bissexuais (LGB), começassem a acreditar ser possível cumprirem os seus desejos e intenções de se tornarem pais/mães (Costa & Bidell, 2017).

Na literatura, têm sido evidenciados vários fatores que podem influenciar a aspiração à parentalidade de pessoas LGB. Contudo, a influência dos sobrinhos e afilhados é pouco estudada na literatura e os estudos que existem indicam diferentes tipos de influência (Araldi & Serralta, 2019; Bergstrom-Lynch's, 2015; Blackstone & Stewart, 2016; Costa, 2020; Gillespie, 1999). Assim, o objetivo do estudo é compreender se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influencia e, de que forma, a aspiração parental em pessoas LGB.

Este estudo é pertinente, uma vez que, pode fornecer um contributo para a investigação e ciência, aumentando o conhecimento científico sobre esta tema, uma vez que, ainda é desconhecido o tipo de influência que um/uma sobrinho/a e/ou afilhado/a pode ter na aspiração parental de pessoas LGB. Para além disso, o estudo também pode contribuir para um conjunto de implicações sociais. Por um lado, através do conhecimento e compreensão da experiência individual dos participantes, é possível identificar obstáculos ainda evidenciados relativamente à concretização da homoparentalidade, como as dificuldades sociais e económicas acrescidas à parentalidade em pessoas LGB. Por outro lado, este estudo pode contribuir para a adequação das práticas de profissionais que trabalham com minorias sexuais (Araldi & Serralta, 2019; Bergstrom-Lynch's, 2015; Blackstone & Stewart, 2016; Costa, 2020; Gato, Leal &

Tasker, 2019; Gillespie, 1999). Para além disso, este estudo pode ter implicações no desenvolvimento do conhecimento sobre a família, uma vez que, ao investigar os processos inerentes à tomada de decisão das pessoas LGB em querer constituir família com ou sem filhos, é possível compreender que a opção de ter ou não ter filhos, é desenvolvida a nível social e não assente na biologia (Mezey, 2013).

Enquadramento Teórico

Família e Parentesco

A noção de família pode, por vezes, não ser muito evidente. Inclusivamente, o conceito de família pode ser construído, de acordo com a estrutura ou por outro lado, de acordo com a função (Knox e Schacht, 2010). A sociologia tem conceptualizado a noção de família, tal como Knox e Schacht (2010) referem, “*como um sistema de parentesco em que todos os constituintes vivem juntos ou são reconhecidos como uma unidade social, incluindo pessoas adotadas. A família é considerada a instituição social básica devido às suas funções importantes de procriação e socialização e é encontrada de alguma forma em todas as sociedades*” (p. 19). Neste sentido e segundo uma abordagem funcionalista, a família pode contribuir para a sociedade. Desta forma, a família desempenha diversas funções, como a introdução de recentes membros socializados no meio e o fornecimento de apoio emocional e económico aos elementos da família (Knox e Schacht, 2010). As famílias podem ser muito diversificadas, podendo adquirir diversos tipos de configuração, tais como: a família de origem que é a família onde nascemos e somos educados; a família de procriação que descreve a família que construímos quando se consuma o casamento e somos pais ou mães; a família nuclear que representa a família de origem e a família de procriação; a família binuclear, que se refere quando os elementos da mesma não vivem juntos e a família alargada que é constituída pela família nuclear e por outros elementos da família, como tios, tias, avós e primos (Knox e Schacht, 2010). Inclusivamente, a família pode ainda integrar casais sem filhos, uma configuração familiar que habitualmente não associamos ao conceito de família. Contudo, na constituição de família de pessoas sem filhos, são executadas funcionalidades semelhantes às desempenhadas pelas famílias com filhos (Blackstone, 2014).

A investigação sociológica e antropológica, tem-se centralizado em investigar não só a família, mas também o parentesco. Inicialmente, o parentesco era definido como algo assente na biologia e na heteronormatividade, onde o seu desenvolvimento e manutenção

na família era suportado pelos laços de sangue (Logan, 2013; Schneider, 1984). Contudo, este conceito inicial foi alterado, devido aos movimentos feministas, aos estudos sobre pessoas homossexuais e ao surgimento de técnicas de reprodução assistida (Logan, 2013). Neste sentido, pode-se dizer que as comunidades LGBT contribuíram para a reformulação do conceito de família (Orel & Coon, 2016). Assim, o parentesco é atualmente conceptualizado, como uma construção social e uma escolha, levando ao desmantelamento, na reprodução do ser humano, da diferença entre o parentesco assente na biologia e a nível social (Logan, 2013; Schneider, 1984). Enquanto, a reprodução biológica é um processo assente na biologia, a reprodução social, é referenciada por Blackstone (2014), como “*todos os papéis não biológicos, ações e responsabilidades que são necessários para tornar um novo ser humano num membro participante e contribuinte da sociedade*” (p. 57). Neste sentido, figuras parentais sociais apesar de não terem laços biológicos com as crianças podem viver na mesma casa que elas, por outro lado os doadores de esperma, podem nem conhecer as crianças, apesar de terem um laço biológico com elas (Patterson, 2013).

Atitudes em relação a, e as Famílias Homoparentais

Em Portugal, no ano de 2010, o casamento entre casais do mesmo sexo foi legalizado. Contudo, estes casais estavam impedidos de aceder à adoção ou a outro método de reprodução assistida. Embora tenha sido o oitavo país a reconhecer o casamento entre casais do mesmo sexo, foi o único a nível mundial a criar desigualdades no acesso à parentalidade, entre os casais heterossexuais e casais do mesmo sexo (Costa & Bidell, 2017). Isto deve-se ao facto de ser questionado, se estes indivíduos teriam competências parentais para constituir família com filhos, por existirem receios de que, pessoas gays ou lésbicas, devido à sua identidade sexual, pudessem prejudicar o desenvolvimento das crianças, a nível social, emocional e psicológico (Goldberg, 2010).

O estudo de Costa et al. (2013), realizado em Portugal, teve como objetivo investigar as atitudes dos portugueses relativamente às famílias com pais gays e mães lésbicas após a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas antes da legalização do acesso à parentalidade por estes casais. Para esse efeito, foi reunida uma amostra de 993 indivíduos heterossexuais, entre os 18 e 76 anos, e foi pedido para fazerem uma avaliação sobre a qualidade parental a 3 casais: um casal de sexo diferente, um casal de mulheres lésbicas e um casal de homens gays. Embora, não tenham sido demonstradas

diferenças significativas relativamente à avaliação da qualidade da parentalidade dos 3 casais, os participantes revelaram que as crianças que seriam adotadas por um casal do mesmo sexo apresentariam mais problemas emocionais e sociais, em comparação às crianças adotadas pelo casal heterossexual. Para além disso, foram evidenciadas mais críticas dos participantes aos casais do mesmo sexo. As críticas à homoparentalidade eram argumentadas pela falta de capacidade dos indivíduos gays e lésbicas relativamente à parentalidade, onde alguns participantes, inclusivamente, revelaram que no decorrer do procedimento de adoção, deveria ser dada uma prioridade aos casais de sexo diferente.

Devido a estas atitudes relativamente à homoparentalidade, foram desenvolvidos vários estudos para compreender o real impacto nas crianças de crescer com pessoas gays ou lésbicas, ao nível da sua identidade sexual, função social e a nível psicológico, campos que, supostamente, seriam mais impactados nas crianças que cresciam com pais gays ou mães lésbicas (Goldberg, 2010). No que concerne ao ajustamento psicológico das crianças que crescem em famílias homoparentais, era argumentado que devido ao preconceito existente na sociedade, as crianças com pais gays e mães lésbicas, estariam mais predispostas a serem vítimas de rejeição e ridicularização por parte dos pares. Sendo que, como consequência do bullying, as crianças poderiam ter mais problemas ao nível da autoestima, bem como, a nível emocional e comportamental (Goldberg, 2010). Este argumento é também encontrado no estudo de Costa et al. (2013), onde se verificou uma grande preocupação relativamente à hipótese das crianças, adotadas por casais do mesmo sexo, puderem vir a ser rejeitadas ou serem vítimas de bullying. Relativamente às experiências de rejeição e bullying por parte dos pares a crianças com pais/mães LGB, existe alguma divergência na literatura (Goldberg & Gartrell, 2014). No estudo de Kosciw e Diaz (2008), a maioria dos participantes revelaram sentirem-se pouco seguros na instituição escolar pelo seu núcleo familiar. Contudo, no estudo de Rivers, Poteat e Noret (2008), não foram encontradas diferenças significativas em relação a experiências de vitimização, funcionamento psicológico, preocupações naturais dos jovens e apoio dos familiares e pares, nos jovens criados por mães lésbicas comparativamente a jovens criados por pais heterossexuais. Já no estudo de Bos, Gartrell, Balen e Peyser (2008), foram comparadas 78 famílias de mães lésbicas dos Estados Unidos com 74 famílias de mães lésbicas da Holanda, com o objetivo de compreender a experiência das crianças em ter uma família homoparental e as suas vivências de homofobia. Os resultados demonstraram que as crianças americanas têm mais reservas relativamente à partilha da

sua vida familiar e têm mais experiências de homofobia, comparativamente às crianças holandesas. Estas diferenças podem ser explicadas pelo clima de aceitação e tolerância relativamente às pessoas LGB, mais predominante na Holanda.

Um dos argumentos também apresentados, está relacionado com o facto das crianças com famílias homoparentais estarem mais expostas ao distress psicológico, devido ao seu agregado familiar (Goldberg, 2010). Contudo, os estudos têm demonstrado que o stress das crianças não está relacionado com a identidade sexual das figuras parentais e que não existem repercussões no ajustamento psicológico das crianças que crescem em famílias homoparentais (Farr, Forssel e Patterson, 2010; Golombok et al., 2003). No que concerne aos resultados escolares, não têm sido demonstradas diferenças significativas entre os resultados escolares das crianças que têm famílias homoparentais, comparativamente aos resultados das crianças com pais heterossexuais (Potter, 2012; Rosenfeld, 2010).

Um outro aspeto que tem sido investigado é o funcionamento social das crianças com pais gays e mães lésbicas. No estudo Gartrell e Bos (2010) que tinha como objetivo investigar o ajustamento psicológico de jovens com mães lésbicas, foi verificado que estes demonstravam bons resultados escolares e competência social, menor agressividade e menos problemas de exteriorização. Igualmente no estudo de Golombok et al. (2003) não foram demonstradas diferenças significativas ao nível de problemas na relação com os pares, nas crianças que tinham mães lésbicas, comparativamente a crianças com mães solteiras heterossexuais e crianças com pais de sexo diferente.

No que diz respeito à identidade de género e identidade sexual das crianças com famílias homoparentais, era argumentado que em crianças com pais gays e mães lésbicas, o desenvolvimento da identidade de género, da identidade sexual e o comportamento associado ao género poderiam ser comprometidos (Goldberg, 2010). Contudo, no estudo de Golombok et al. (2003), não foram encontradas diferenças significativas relativamente ao comportamento associado ao género, entre crianças com mães lésbicas e crianças com famílias heterossexuais. Relativamente à orientação sexual, no estudo de Golombok e Tasker (1996), foi demonstrado que grande parte das crianças que cresceram com mães lésbicas sentiam atração por pessoas do sexo oposto. Contudo, quanto mais a família admitisse relações com pessoas do mesmo sexo, mais estas crianças tinham abertura para a possibilidade de terem relacionamentos homossexuais. Ainda no estudo de Bailey, Bobrow, Wolfe e Mikach (1995), foi reunida uma amostra de 55 homens gays e

bissexuais e os seus 82 filhos e foi demonstrado que 90% dos filhos eram heterossexuais. Congruente com estas investigações, no estudo de Gratrell, Bos e Goldberg (2011), foi demonstrado que entre os jovens criados por mulheres lésbicas, apenas 18,9% jovens mulheres e 2,7% dos jovens homens eram bissexuais, nenhuma jovem era lésbica e 5,4% era gay.

Assim, e segundo o parecer da Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013), baseada na evidência científica, o desenvolvimento das crianças e a competência dos pais não é influenciada pela identidade sexual das figuras parentais ou pela organização familiar homoparental. Neste sentido, e como referido pelo parecer da Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013), é importante que *“as decisões importantes sobre a vida das crianças e adolescentes sejam tomadas com base na qualidade das suas relações com os pais e não com base na orientação sexual dos mesmos.”* (p. 4).

Apesar dos receios da sociedade relativamente às famílias homoparentais, a evidência científica tem demonstrado, de forma clara, que a sexualidade não compromete o desenvolvimento das crianças, nem as competências parentais dos indivíduos (Goldberg & Gartrell, 2014). Assim, e de acordo com o parecer da Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013), a investigação é consistente ao referenciar que não há motivos para existirem barreiras relativamente à concretização da parentalidade para os casais do mesmo sexo.

Aspiração Parental em Pessoas LGB

O Parlamento em Portugal, no ano de 2016, permitiu que os casais do mesmo sexo pudessem concretizar a parentalidade. Neste sentido, mulheres lésbicas, homens gays e pessoas bissexuais, a partir deste momento, começaram a acreditar ser possível cumprirem os seus desejos e intenções de se tornarem pais ou mães (Costa & Bidell, 2017). Por este motivo, nos últimos anos, tem-se verificado, que famílias cujos pais/mães têm várias identidades sexuais e de género têm vindo a emergir substancialmente (Salinas-Quiroz, Costa & Lozano-Verduzco, 2019), sendo possível, em vários países no Ocidente, pessoas do mesmo sexo acederem a vários métodos para constituir família com filhos, que antes estava limitado a indivíduos heterossexuais (Costa, Leal & Pereira, 2012).

A aspiração parental é um conceito abrangente que inclui diversos aspetos relacionados com a parentalidade. Aspirar à parentalidade é um ideal, colocando a

parentalidade como um dos propósitos de vida das pessoas (Costa, 2020). A definição de aspiração à parentalidade reúne os seguintes conceitos: desejo parental, intenção parental, autoeficácia, reflexão sobre a parentalidade, motivações parentais, expectativas parentais e o timing (Costa, 2020; Salinas-Quiroz et al., 2019; Simon et al., 2018; Tate & Patterson, 2019). O desejo parental está relacionado com o quanto a pessoa pretende ou ambiciona ser pai ou mãe. A intenção parental corresponde ao planeamento sobre como é que se pode vir a concretizar o desejo e à reflexão sobre a parentalidade, onde se considera as dificuldades e a dedicação exigida para a concretização da mesma (Costa, 2020; Riskind & Patterson, 2010; Salinas-Quiroz et al., 2019). Relativamente ao desejo e intenção parental, o estudo qualitativo de Costa (2020) sobre a aspiração parental em pessoas poliamorosas, demonstrou a influência que o relacionamento com crianças tem no desejo e intenção parental. Já a autoeficácia diz respeito à perceção que as pessoas têm sobre as suas competências parentais (Simon et al., 2018). As motivações parentais estão relacionadas com as razões que levaram a pessoa a querer constituir família com filhos, podendo a motivação ser interna ou externa (Costa, 2020). Neste sentido, foi demonstrado no estudo de Araldi e Serralta (2019) que uma das motivações para dois casais de homens gays quererem ser pais, era a proximidade dos relacionamentos entre estes e os seus sobrinhos e “afilhados afetivos”. Já as expectativas parentais dizem respeito ao que é antecipado pelos indivíduos relativamente à parentalidade, isto é, o que estes esperam que aconteça e o que gostariam que se sucedesse (Costa, 2020). O refletir, está relacionado com o quanto as pessoas pensam sobre a parentalidade e o conteúdo desse pensamento e o timing, pode tanto ser para as pessoas uma limitação para o surgimento do desejo e intenção parental, como um estímulo destes (Costa, 2020). Contudo, no decorrer da vida das pessoas, estes conceitos podem variar de indivíduo para indivíduo (Costa, 2020). Os conceitos de desejo e intenção parental, são os conceitos que têm mais influência na concretização da parentalidade (Simon, Tornello, Farr, & Bos, 2018). Inclusivamente, a grande maioria da literatura tem-se focado nestes dois conceitos ao estudar a parentalidade em pessoas LGB.

Na literatura, tem sido evidenciado que a aspiração à parentalidade é menor em pessoas lésbicas e gays, comparativamente a pessoas heterossexuais (Baiocco e Laghi, 2013; Riskind & Patterson, 2010; Tate, Patterson & Levy, 2019). O facto de pessoas gays e lésbicas terem menor aspiração parental, pode ser explicado por ainda existir uma sociedade heteronormativa, assente em preconceitos que se estendem para as clínicas de

fertilidade e centros de adoção. Para além disso, estes indivíduos podem internalizar a homofobia, acreditando que, devido à sua orientação sexual, têm menores capacidades parentais, impactando, assim, a aspiração parental (Gato, Santos & Fontaine, 2017). Apesar da legalização da homoparentalidade, ainda são percecionados grandes níveis de preconceito e estigma sobre as famílias LGB, o que afeta a forma como são construídas as relações e as famílias (Gates, 2015). Inclusivamente, no estudo qualitativo de Berkowitz e Marsiglio's (2007), com 19 homens gays sem filhos e 20 homens gays com filhos dos Estados Unidos, foi demonstrado que os participantes tinham preocupações sobre o futuro das crianças pela discriminação, ridicularização e dificuldades que elas podem vir a sofrer por terem uma família homoparental. Para além disso, os participantes tinham receios de que o seu género e orientação sexual tivessem um impacto negativo na identidade de género das crianças. Igualmente, no estudo de Brown, Smalling, Groza e Ryan (2009), com 183 pessoas lésbicas e gays que procederam à adoção, foi demonstrado que um dos obstáculos para concretizar a parentalidade, era o facto dos participantes duvidarem da sua competência parental.

No que diz respeito à aspiração parental em função do género, têm sido evidenciadas contradições na literatura. No estudo Italiano de Baiocco e Laghi (2013), que tinha como propósito investigar os desejos e intenções parentais numa amostra de 930 pessoas gays, lésbicas e heterossexuais entre os 18 e os 35 anos, foi demonstrado que existia maior desejo de parentalidade em mulheres lésbicas, comparativamente a homens gays. Igualmente, o estudo de Scandurra et al. (2019), teve como objetivo estudar o impacto do stress, as diferenças de género e a legislação da união civil em Itália nos desejos e intenções parentais. Para esse efeito, reuniu uma amostra de 290 pessoas lésbicas e gays, sem filhos, entre os 18 e os 50 anos e foi demonstrado que as mulheres tinham um maior desejo e intenção de serem mães, do que os homens de serem pais. Estes resultados podem ser explicados pelo papel que a mulher tem em Itália sobre a maternidade (Baiocco & Laghi, 2013).

Em contraste, o estudo de Costa e Bidell (2017), teve como propósito investigar os desejos, intenções e experiências relativamente à parentalidade numa amostra de pessoas lésbicas, gays e bissexuais em Portugal, com idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos. Os resultados demonstraram que não existiam diferenças nas intenções parentais entre homens e mulheres. Este resultado é congruente com um estudo até mais recente de Lasio, Lampis, Spiga e Serri (2020), onde os desejos e intenções parentais

eram semelhantes em mulheres lésbicas italianas e homens gays italianos. Uma das explicações que podem ser desenvolvidas para explicar a diferença nos estudos, é a nível contextual, uma vez que, o estudo de Baiocco e Laghi (2013) e Scandurra et al. (2019) foram realizados em Itália e o estudo de Costa e Bidell (2017) em Portugal. Apesar do estudo de Lasio et al. (2020) ter sido também realizado em Itália, tal como os estudos de Baiocco e Laghi (2013) e Scandurra et al. (2019), existe uma diferença metodológica nestes estudos. Enquanto que no estudo de Baiocco e Laghi (2013) e Scandurra et al. (2019), a amostra foi recolhida através de redes sociais, organizações não governamentais que apoiam os direitos LGBTQ, associações de pessoas gays e lésbicas e associações de estudantes em Itália, no estudo de Lasio et al. (2020), a amostra foi recolhida através de associações políticas ativas no combate à discriminação sexual e de género, o que pode ter influência na ideia de associar a mulher à maternidade, influenciado assim os resultados dos estudos.

Para além do género, a idade é um fator muito relevante quando falamos em aspiração parental (Costa & Bidell, 2017; Lasio et al., 2020). Contudo, a literatura tem revelado algumas contradições. Enquanto nos estudos de Baiocco e Laghi (2013) e Lasio et al. (2020), os indivíduos com mais idade tinham maior intenção parental, nos estudos de Costa e Bidell (2016) e Gato et al. (2019), pessoas mais jovens tinham maior desejo e intenção de terem filhos, onde inclusivamente, os participantes com mais idade demonstraram menos intenção de terem filhos. As diferenças nos estudos podem ser explicadas por motivos amostrais. Enquanto nos estudos de Baiocco e Laghi (2013) e Lasio et al. (2020) a amostra era muito mais jovem, sendo que, a média de idade dos participantes do estudo de Baiocco e Laghi (2013) era de 24,3 e no estudo de Lasio et al. (2020) apesar da idade mais elevada ser os 48 anos, a média de idades era de 28,36. No estudo de Costa e Bidell (2016), a idade dos participantes mais velhos era os 76 anos e média de idades 31. Já no estudo de Gato et al. (2019) a idade das participantes mais velhas era de 45 anos e a média de idades 28,1.

O estudo de Tate et al. (2019), teve como objetivo investigar como as relações com os familiares, amigos e parceiro amoroso podem ter influência na intenção parental de mulheres lésbicas, homens gays e pessoas heterossexuais. Os resultados demonstraram que considerar-se a relação amorosa duradoura, ter relações com as figuras parentais de qualidade e ter um bom grupo de amigos, são aspetos que contribuem para uma maior intenção de ter filhos. Em linha com estes resultados, no estudo de Salinas-Quiroz et al.

(2019), para os homens gays e mulheres lésbicas, estar num relacionamento amoroso estava também relacionado com uma maior aspiração parental.

Num estudo qualitativo de Goldberg (2012) sobre a aspiração parental com uma amostra de homens gays, foi evidenciado que para 14 de 24 participantes era relevante que a relação se tornasse consistente e segura antes de cumprirem o desejo de constituir família com filhos. Inclusivamente, para alguns participantes o ser pai tornou-se possível por terem encontrado um companheiro que deseja também ter filhos. Isto manifesta-se importante para as pessoas lésbicas e gays que querem constituir família com filhos, uma vez que, a presença de um parceiro é percebida como facilitadora de todo o procedimento de concretização da parentalidade. Em oposição, e tal como evidenciado nos resultados do estudo de Goldberg (2012), não ter um companheiro ou ter alguém que não queira ser pai, faz com que a concretização da parentalidade seja dificultada ou interrompida (Mezey, 2013).

No entanto, no estudo de Costa e Bidell (2017) a educação, o estatuto da relação amorosa, a satisfação com a relação amorosa, o suporte dos amigos e família não estavam relacionados ao desejo de ter filhos, indicando, segundo os autores, que outros fatores têm maior influência na aspiração parental. Da mesma forma, no estudo de Gato et al. (2019), verificou-se que a educação e a profissão dos participantes, não se relacionavam com o desejo e intenção de ter filhos e que o estado da relação amorosa era relevante apenas, para os participantes heterossexuais. Em oposição, no estudo de Tate et al. (2019), verificou-se que a educação estava relacionada com a intenção de ter filhos. Contudo, é importante referir que no estudo de Costa e Bidell (2016) e Gato et al. (2019), a amostra de participantes nestes estudos tinham um maior nível de educação, o que pode justificar algumas discrepâncias nos resultados. Para além disso, o contexto dos estudos pode justificar também as diferenças nos resultados, uma vez que, os estudos de Costa e Bidell (2017) e Gato et al. (2019) foram realizados em Portugal e o estudo de Tate et al. (2019) nos Estados Unidos.

Relativamente à vida profissional, no estudo qualitativo de Goldberg (2012), foi revelado que grande parte dos participantes não queriam ser pais, até estarem profissionalmente estáveis e satisfeitos, inclusivamente, alguns dos participantes revelaram que mudaram a sua vida profissional para poderem ser pais. Assim, a vida profissional é um fator relevante na aspiração parental de pessoas gays e lésbicas, uma vez que, há a necessidade de estar financeiramente estável, de forma a estes conseguirem

adotar ou recorrer a outro método de reprodução para realizar o seu desejo de constituir família com filhos (Mezey, 2013). Neste sentido, e tal como evidenciado no estudo qualitativo de Goldberg (2012), há a necessidade de ter a sua vida financeira estabilizada antes de começar a constituir família com filhos, devido também aos gastos que acarreta a constituição de família com filhos para estas pessoas. Para 8 dos 24 participantes era igualmente importante ter uma casa com espaço, integrada num local menos preconceituoso em relação às minorias sexuais e com vizinhança amigável.

Por fim, a ligação à comunidade LGBT tem sido igualmente investigada na sua ligação à aspiração parental. No estudo de Costa e Bidell (2017) verificou-se que a relação com a comunidade LGBT era um preditor de intenção parental. Isto pode ser explicado porque a comunidade oferece funções reparadoras aos indivíduos, já que ao contactar com outras pessoas integrantes da comunidade possibilita anular a culpa e a negação que algumas pessoas LGBT podem ter, devido à sociedade heteronormativa existente (Haldeman, 2007). Neste sentido, a proteção oferecida pela comunidade LGBT ajuda a que os jovens possam aspirar à parentalidade. Igualmente, no estudo de Salinas-Quiroz et al. (2019), a relação com a comunidade LGBTQ, era especialmente relevante, para as pessoas bissexuais, pansexuais e queer.

Ausência de aspiração parental

Em Portugal, tem-se verificado que os nascimentos têm decrescido substancialmente desde o ano de 1970 até 2010 (Nascer em Portugal, 2020). Igualmente, nos Estados Unidos existiu um aumento das mulheres que optaram por não constituírem uma família com filhos, resultado das alterações nas convicções sobre o papel das mulheres, tanto no contexto profissional, como familiar (Settle & Brumley, 2014).

Relativamente ao processo de tomada de decisão dos indivíduos em não querer constituir famílias com filhos, existem algumas contradições na literatura. No estudo qualitativo de Blackstone e Stewart (2016), com uma amostra de 10 homens e 21 mulheres, na grande maioria heterossexuais, foi revelado, pela maioria dos participantes que a decisão de não quererem ser pais ou mães era uma decisão consciente e pensada. Inclusivamente, a grande maioria dos participantes reforçaram que a decisão de não ser pai ou mãe, era um resultado das suas escolhas. Igualmente, no estudo de Hayfield, Terry, Clarke e Ellis (2019), também qualitativo, com 23 pessoas do sexo feminino, com mais de 35 anos e que se identificavam como heterossexuais, bissexuais, lésbicas, queer e assexuais, foi referenciado que a decisão de escolherem não ter filhos, é uma decisão

assente na racionalidade, realçando que não querer ser pai ou mãe, não é algo invulgar, mas sim normal. Contudo, no estudo qualitativo de Settle e Brumley (2014) com 20 mulheres heterossexuais, 9 das participantes foram consideradas passivas no processo de tomada de decisão. Sendo que, 6 foram designadas como aceitantes e 3 ambivalentes. As mulheres aceitantes, pensavam na maternidade como um objetivo para o futuro, mas por circunstâncias várias, como não ter um companheiro, tomaram a decisão de não constituírem família com filhos. Já as mulheres ambivalentes, não tinham um desejo sobre a parentalidade, fazendo esforços para impedi-la.

Relativamente à tomada de decisão, no estudo de Blackstone e Stewart (2016), foi demonstrado que a decisão de não ter filhos é um processo que surge em diversas fases de vida das pessoas. Em consonância com este resultado, no estudo de Hayfield et al. (2019), as participantes revelaram que o processo de tomada de decisão exige uma permanente reflexão da decisão. Contrariamente aos resultados nestes estudos, no estudo de Clarke, Hayfield, Ellis e Terry (2018), com 5 mulheres lésbicas, foi revelado pelas participantes que a decisão de não quererem ser mães é uma coisa inata, estando associado à ausência de desejo de ter filhos. Contudo, é importante reforçar que o estudo de Clarke et al. (2018) apenas integrou na sua amostra mulheres lésbicas. Inclusivamente, neste estudo foi identificado que a decisão de não constituir família estava associada à orientação sexual, uma vez que, as participantes consideram que existe uma pressão para serem mães mais reduzida, porque é esperado que mulheres lésbicas não tenham filhos. Uma participante mencionou que sentiu pressões da sociedade para ter filhos, tal como as mulheres heterossexuais sentem, revelando que isto também pode ser sentido por queers do sexo feminino, quando não são assumidas ou quando não têm determinada aparência. Contudo, no estudo de Mollen (2006), as 9 participantes do estudo, cinco mulheres heterossexuais, duas mulheres bissexuais e duas mulheres lésbicas, descreveram que se sentiram estigmatizadas e foram pressionadas com perguntas para terem filhos.

Nos diferentes estudos, são imputados motivos de diversas naturezas relativamente às razões para as pessoas LGB, queer, assexuais e heterossexuais escolherem não ter filhos. Motivos associados às relações amorosas e de amizade, isto é, as pessoas quererem ter disponibilidade para se centrarem na relação amorosa; receio que um filho/a possa mudar as dinâmicas da relação que são satisfatórias para ambos; receio de não terem mais independência na relação como têm; receio de não terem sintonia

enquanto figuras parentais, como por exemplo, na divisão das responsabilidades parentais e receio que ter filhos alterasse as relações amorosas e de amizades mantidas pelas participantes (Bergstrom-Lynch's; 2015; Hayfield et al., 2019). Para além disso, foram identificados nos estudos motivos associados à falta de desejo, seja do próprio, do outro membro do casal ou dos dois em constituir família com filhos (Bergstrom-Lynch's; 2015; Clarke et al., 2018). E, por fim, motivos associados à liberdade das responsabilidades parentais e noutros aspetos de vida, por exemplo, liberdade para viajar, dormir e ao nível profissional (Clarke et al., 2018; Hayfield et al., 2019).

O Presente Estudo

Alguns estudos têm demonstrado que a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as pode influenciar a aspiração parental de mulheres lésbicas e homens gays, bem como de indivíduos poliamorosos. Contudo, o tipo de influência exercida, evidenciada na literatura, é contraditória.

O estudo qualitativo de Araldi e Serralta (2019) tinha como propósito investigar o processo e a vivência da parentalidade em casais do mesmo sexo. Para esse efeito, reuniu uma amostra de 4 casais do mesmo sexo, com filhos, e com idades compreendidas entre os 30 e os 50 anos. Foi demonstrado que as relações com os sobrinhos e “afilhados afetivos” são motivadoras, para dois casais de homens gays, aspirarem à parentalidade. É importante referir que os “afilhados afetivos”, estão integrados no Programa de Apadrinhamento Afetivo e são crianças e jovens que têm menores hipóteses de serem adotadas. Ao apadrinhar uma criança ou jovem integrado neste programa, é possível ajudar estas crianças e jovens na escola e fazer atividades com eles (Araldi & Serralta, 2019).

Tal como neste estudo, no estudo qualitativo de Costa (2020), que tinha como objetivo estudar a aspiração parental em pessoas poliamorosas, foi reunida uma amostra 9 indivíduos poliamorosos entre os 24 e os 37 anos. Foi demonstrando que metade dos participantes do estudo referiram que o desejo surgiu ou foi reforçado pelo relacionamento mantido com crianças ou pela observação de crianças com os pais. Inclusivamente, um participante elucidou que o seu desejo relativamente à paternidade surgiu devido ao relacionamento próximo com crianças no contexto familiar e no auxílio prestado a cuidar dos seus sobrinhos.

Já no estudo de Bergstrom-Lynch's (2015) com casais do mesmo sexo que não queriam ter filhos, foi descrito que, por vezes, era utilizada a relação com os/as sobrinhos/as quando sentiam um súbito desejo de ter filhos, sendo que, através desta relação concretizavam estes desejos sem terem a responsabilidade associada a ter uma criança ao seu encargo. Por outro lado, no estudo de Gillespie (1999), com 33 mulheres que não queriam ter filhos, uma participante comunicou que a relação que tinha com os sobrinhos, não era substituta ao papel de mãe, apesar de ser mantida uma boa relação. Por fim, no estudo qualitativo de Blackstone e Stewart (2016), uma participante referiu que ao conviver com os seus irmãos e sobrinhas e presenciar as dificuldades existentes, optou por não querer ser mãe.

Neste sentido e para além de existirem poucos estudos que referenciem a influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na aspiração parental, são evidenciados diferentes tipos de influência. Se por um lado, há estudos que demonstram que a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as têm influência no desejo, intenção parental e motivações parentais (Araldi & Serralta, 2019; Costa, 2020). Por outro, a relação com os sobrinhos pode suprimir o desejo parental, fazendo as pessoas sentirem-se realizadas e não quererem ter filhos (Bergstrom-Lynch's, 2015). E por fim, a relação com os sobrinhos pode ser uma das motivações para rejeitarem a paternidade (Blackstone e Stewart, 2016).

Assim, o principal objetivo deste estudo é compreender se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influencia e, de que forma, a aspiração à parentalidade em pessoas LGB. Desta forma, o presente estudo pretende dar resposta às seguintes questões de investigação: “Poderá a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as ter influência na aspiração à parentalidade de pessoas LGB?” e “De que forma a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influencia a aspiração à parentalidade em pessoas LGB?”. Como objetivos específicos, o estudo pretende explorar se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as pode criar o desejo nas pessoas de terem filhos, ou até reforçar o desejo parental já existente. Ou se por outro lado, se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as pode levar a que estes indivíduos se sintam realizados e não procurem ser pais ou mães. E por fim, se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as pode ser um dos motivos para estas pessoas não quererem ter filhos.

Método

Desenho de Investigação

O desenho de investigação do presente estudo foi descritivo, tendo sido utilizada uma metodologia qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas. Para além disso, o corte do estudo foi transversal.

Participantes

A amostra desta investigação foi constituída por 10 participantes autoidentificados como LGB e com idades compreendidas entre os 23 e os 34 anos, sendo a média de idades dos participantes de 29 anos. Relativamente à orientação sexual dos participantes, sete identificavam-se como homens gays, duas como mulheres lésbicas e uma como mulher bissexual. No que concerne ao género, seis participantes identificavam-se como sendo do género masculino, duas do género feminino, um participante identificou-se como maioritariamente do género masculino e, por fim, uma participante identificou-se como do género feminino, mas fluído num espectro de não binaridade (Tabela 1).

Os critérios de inclusão para a participação nesta investigação, foram os seguintes: (1) pessoas LGB; (2) com idades entre os 20 e os 40 anos; (3) com sobrinhos/as e/ou afilhados/as e (4) sem filhos. Os limites de idades foram estabelecidos, por um lado, para não serem pessoas demasiado novas que ainda não tivessem refletido sobre a parentalidade e, por outro lado, definiu-se os 40 anos como limite máximo por ser a idade perto do limite para recorrer a métodos de reprodução assistida através do Serviço Nacional de Saúde (Gato et al., 2019). Estabeleceu-se que os participantes não deveriam ter filhos, por ter sido considerado que pudesse alterar as dinâmicas importantes das relações entre sobrinhos/as – tios/tias e afilhados/as – padrinhos/madrinhas, podendo alterar a influência que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as podem ter na aspiração parental de pessoas LGB.

Tabela 1.

Dados sociodemográficos dos participantes

Nome	Idade	Género	Orientação sexual	Profissão
Catarina	33 anos	Mulher Género fluído num espectro de não binaridade	Lésbica	Assistente social
Daniel	27 anos	Homem	Gay	Assistente de call-center
Dinis	32 anos	Homem	Gay	Educador social
João	25 anos	Homem	Gay	Estudante
Maria	33 anos	Mulher	Lésbica	Educadora
Mateus	32 anos	Homem	Gay	Gestor de clientes
Nuno	23 anos	Homem	Gay	Estudante
Salvador	31 anos	Homem	Gay	Assistente de call-center
Tomás	34 anos	Maioritariamente homem	Gay	Consultor informático
Vera	23 anos	Mulher	Bissexual	Desempregada

As amostras dos estudos qualitativos são, em geral, reduzidas. O tamanho da amostra neste estudo pode ser justificado, por um lado, ao ter uma amostra pequena e homogénea, é possível aprofundar diversos temas identificados nas entrevistas e, por outro lado, apesar da amostra ser pequena, é possível assegurar diversidade nos participantes ao nível das suas particularidades, possibilitando uma maior riqueza nos conteúdos identificados na entrevista (Ritchie & Lewis, 2003).

Instrumentos

Como instrumento foi criado um guião semiestruturado para realizar a entrevista. Este guião foi construído com o objetivo de aprofundar a relação dos participantes com os/as seus/suas sobrinhos/as e/ou afilhados/as e como esta relação pode influenciar a sua aspiração parental ou a ausência de desejo parental.

Neste sentido, construíram-se diversas questões e anteciparam-se alguns *prompts* de acordo com os seguintes temas: história pessoal do participante (“Está numa relação de compromisso?”), a relação dos participantes com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as (“Como descreve a sua relação com o seu sobrinho/a e/ou afilhado/a?”), presença de aspiração parental (“Como e quando surgiu esse desejo?”) e a influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na mesma (“Considera que a relação que mantém com o seu sobrinho/a e/ou afilhado influencia a emergência e/ou a continuidade do desejo parental? De que forma?”), falta de aspiração parental (“Quais os motivos para não desejar ter filhos?”) e a influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na mesma (“Considera que a relação que mantém com o seu sobrinho/a e/ou afilhado/a influencia o desejo de não ter filhos? De que forma?”), orientação sexual dos participantes (“Como foi o processo de descoberta da sua orientação sexual?”) e a sua ligação à comunidade LGBT (“Mantém uma ligação com a comunidade LGBT?”).

Procedimentos

Este projeto de investigação foi aprovado pela Comissão de Ética do ISPA e está integrado num estudo mais alargado, que teve início no ano de 2019. Antes da realização das entrevistas, foi enviada uma carta de consentimento informado aos participantes para assinarem (Anexo 1). Relativamente aos participantes que não conseguiram assinar a carta de consentimento informado, foi pedido o seu consentimento informado antes de iniciar a entrevista e já com a gravação iniciada, de forma a registar em áudio o seu consentimento. Após a realização da entrevista, foi enviado aos participantes através do e-mail ou Whatsapp, uma carta de esclarecimento pós-investigação (Anexo 2).

Com objetivo de recrutar os participantes, inicialmente fez-se uma divulgação do estudo nas redes sociais (Instagram e Facebook). Foram também contactadas associações, como a Rede Exaequo ou a ILGA - Portugal, sites e outros sítios de divulgação LGBT, e solicitada a divulgação do estudo. Para além disso, depois da realização da entrevista foi pedido aos participantes se poderiam divulgar o estudo para a sua rede de contactos que

preenchem os critérios de inclusão do estudo. Assim, o tipo de amostragem caracteriza-se por ser não probabilística por conveniência e por propagação geométrica (bola de neve).

Depois de os participantes de terem mostrado interesse em participar, foi acordado um dia e uma hora para a realização da entrevista de acordo com disponibilidade de ambos os intervenientes. As entrevistas realizaram-se online, via Skype ou Zoom, com gravação de áudio. A duração média das entrevistas realizadas foi de aproximadamente 44 minutos, sendo que as entrevistas de menor e maior duração de 29 minutos e de 1 hora, respetivamente. Antes de iniciar a entrevista, foi pedido aos participantes que não assinaram o consentimento informado, o seu consentimento oral em como leram a carta e concordavam participar no estudo. Em seguida, fez-se uma breve apresentação e explicou-se o objetivo do estudo e que o propósito da entrevista era compreender a experiência de cada um dos participantes. Por fim, antes de iniciar a entrevista, recolheram-se os dados sociodemográficos dos participantes, tendo sido feitas questões sobre a idade, profissão, orientação sexual e identidade de género dos participantes, de forma, a mais tarde, se caracterizar a amostra do estudo.

No que diz respeito aos procedimentos analíticos, depois da realização da entrevista, as gravações do áudio foram transcritas na íntegra e alterados os nomes dos participantes por pseudónimos.

Plano de Análise

O método usado para analisar as entrevistas foi o método da Análise Temática (Braun & Clarke, 2012). A análise temática consiste num método de análise de entrevistas, que permite a identificação, análise e exposição de padrões, ou seja, temas. Neste sentido, este tipo de análise permite ao investigador dar significado à experiência individual dos participantes e dar resposta a uma questão de investigação, através do reconhecimento de dados importantes (Braun & Clarke, 2012).

Com o objetivo de realizar a análise temática, são discriminadas seis fases a seguir. A primeira fase, está relacionada com a familiarização dos dados, em que o investigador deverá ler e reler os dados, fazer anotações e ouvir as gravações das entrevistas novamente. De seguida, deve começar a formular os códigos, isto é, a reconhecer e dar um nome aos dados que podem ser importantes para responder à questão de investigação, devendo codificar todos os dados da entrevista. A terceira fase, está relacionada com a

procura de temas, devendo o investigador transformar a codificação dos dados em temas. Os temas tanto identificam dados relevantes que podem responder à questão de investigação, como formam um padrão de informação das entrevistas. A quarta fase, compreende a revisão de potenciais temas, sendo os temas já identificados reexaminados, relativamente aos códigos elaborados e aos dados das entrevistas. Já a quinta fase, promove a nomeação dos temas identificados. Por fim, a sexta e última fase, envolve a elaboração de um relatório de análise das entrevistas, devendo este contar uma história sobre a análise realizada e os dados das entrevistas (Braun & Clarke, 2012).

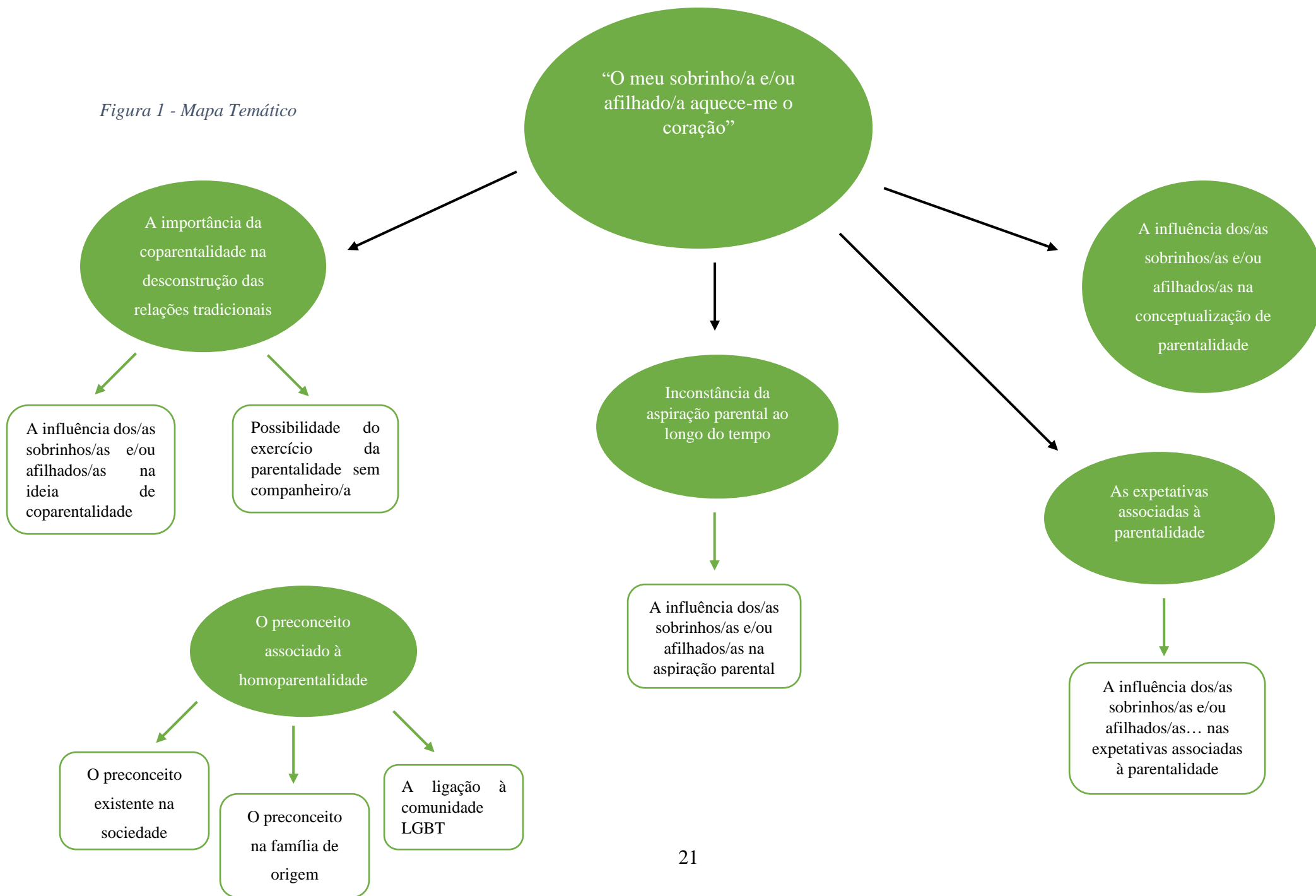
Resultados

Nesta secção é apresentado o mapa temático, sendo possível verificar as ligações entre os temas identificados. Posteriormente, são apresentados com maior detalhe, os temas e subtemas identificados. Tendo em conta o objetivo do estudo, isto é, compreender se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influencia, e de que forma a aspiração parental em pessoas LGB, foram identificados seis temas.

O tema abrangente denomina-se “O meu sobrinho/a e/ou afilhado/a aquece-me o coração” e interliga-se com quatro dos temas identificados: “A importância da coparentalidade na desconstrução das relações tradicionais”, “Inconstância da aspiração parental ao longo do tempo”, “As expectativas associadas à parentalidade”, e “A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na conceptualização de parentalidade”. O tema “A importância da coparentalidade na desconstrução das relações tradicionais” é composto por dois subtemas (1) “A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados na ideia de coparentalidade” e (2) “Possibilidade do exercício da parentalidade sem companheiro/a”. Já o tema “Inconstância da aspiração parental ao longo do tempo é composto por um subtema: “A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na aspiração parental”. Em seguida, foi identificado o tema “As expectativas associadas à parentalidade” que é composto pelo subtema “A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as... nas expectativas associadas à parentalidade”. Para além disso foi ainda identificado o tema “A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na conceptualização de parentalidade”. Por fim, foi identificado o tema “O preconceito associado à homoparentalidade” que é composto por três subtemas: (1) “O preconceito existente na sociedade”, (2) “O preconceito na família de origem” e (3) “A ligação à comunidade LGBT” (Figura 1).

É importante ainda referir que o tema “O meu sobrinho/a e/ou afilhado/a aquece-me o coração” foi considerado um tema abrangente, visto que está relacionado com quatro dos temas identificados. Por neste tema serem explicitadas as especificidades das relações com estas crianças, há uma ligação com quatro dos temas identificados, porque as relações de amor e cuidado, estabelecidas com estas crianças, influenciam tanto as questões associadas à parentalidade, como o próprio conceito de família. Contudo, este tema abrangente não se relaciona com o tema do preconceito, uma vez que este é um tema singular associado às vivências de preconceito relativas à homoparentalidade, não estando associado à relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as.

Figura 1 - Mapa Temático



“O meu Sobrinho/a e/ou Afilhado/a Aquece-me o Coração”

Neste tema, é referenciado pelos participantes a relação de amor estabelecida entre eles e os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as e como esta relação influencia as questões associadas à parentalidade. Pelo facto de os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as serem descritos pelos participantes com características muito positivas e apreciadas por eles, as relações mantidas entre os participantes e os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as são assentes no amor, carinho, cuidado e proximidade. Neste sentido, pela forma como os participantes vêm e descrevem os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as, são refletidas as ligações de amor e cuidado com estas crianças. Inclusivamente, pela observação da comunicação não-verbal dos participantes ao longo das entrevistas foi possível observar o amor, carinho e afeto no olhar dos participantes quando descreviam estas crianças. Ainda neste sentido, alguns participantes consideram que pelas semelhanças físicas, os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as podiam ser seus filhos/as, dado que o que os participantes sentem por estas crianças e a relação estabelecida entre eles é semelhante a uma relação parental.

Embora o Mateus, não sinta o desejo de ter filhos, pretende ser um tio presente e cuidadoso, planeando ter uma relação assente no apoio e disponibilidade. Inclusivamente, imaginou ser um conselheiro para o sobrinho, tarefa que os pais podem não conseguir desempenhar. Desta forma, pretende que a relação com o seu sobrinho no futuro seja baseada no amor e disponibilidade, como se de um filho se tratasse.

“É uma coisa que eu já pensei, eu gostaria de ser esse tio, que está disponível que... pode ir com ele, que pode fazer, que que, que pode a... colmatar do lado dos pais e que pode até ser um refúgio para o sobrinho ou o tio, o sobrinho pode, eu eu quero ser aquele tio, a quem o, o meu sobrinho pode contar tudo o que lhe apetecer não é? A... e então é essa a relação que eu quero, construir com ele, de confiança, de... quero ser o tio porreiro a... e também, mas lá está não é só as coisas boas também quero estar lá se ele precisar.” (Mateus, 32 anos)

Os participantes referiram que sempre que estão com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados, aproveitam o máximo de tempo possível na companhia deles e reconhecem que a felicidade que eles sentem em estar junto destas crianças é recíproca.

“Ele quando me vê corre, quer um, quer um colinho, quer que eu o jogue no ar a... ele adora, agarra-me na mão quer desenhar as coisas, riscar as coisas comigo. E... pronto, o facto, só o facto dele com uma idade tão pequena reconhece-me, fica tão feliz ou assim a... aquece-me o coração, porque não só eu estou feliz por ele, mas também sinto que ele tá feliz por me ver a mim.” (João, 25 anos)

Através das relações de amor e afeto estabelecidas entre os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as e os/as tios/as e padrinhos/madrinhas, são exercidas várias influências nos diversos domínios da parentalidade. Os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciam as aspirações parentais dos tios/tias e padrinhos/madrinhas, contudo, as influências são muito distintas, podendo aumentar, diminuir ou até cessar o desejo parental. Para além disso, estas crianças influenciam igualmente as concepções de parentalidade e de família. Por um lado, auxiliam os/as tios/tias e/ou padrinhos/madrinhas a formar o modelo de pais/mãe que gostariam de ser, como também ajudam na desconstrução da família tradicional. Por fim, e através do contacto direto com os sobrinhos/as e/ou afilhados/as, é exercida uma influência nas expectativas que são criadas acerca da parentalidade, sendo que, mesmo os participantes que não desejam ter filhos são criadas expectativas para o futuro da relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as. Assim, este tema é considerado abrangente visto que as relações de amor estabelecidas entre os participantes e os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as são transversais em quatro dos temas identificados, sendo através destas relações que estas crianças influenciam determinados domínios da parentalidade e da família.

A importância da Coparentalidade na Desconstrução das Relações Tradicionais

Neste tema foram identificados dois subtemas que irão estar desenvolvidos posteriormente: (1) a influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na ideia de coparentalidade e (2) a possibilidade do exercício da parentalidade sem companheiro/a. No que concerne ao tema principal, a coparentalidade tem sido evidenciada pela grande maioria dos participantes como importante no exercício parental. Uma vez que os apoios quer dos parceiros quer de outras pessoas ao redor que partilham a educação da criança, trazem benefícios para o desenvolvimento das crianças.

Neste sentido, foi elucidado por alguns participantes que um/a companheiro/a pode auxiliar na estabilidade financeira e profissional, no apoio emocional necessário para a educação da criança, por ser outra figura parental para ela e por ser uma ajuda na partilha de tarefas e responsabilidades.

“A... vários motivos, um deles o financeiro mesmo pela questão de... conseguir dar o que a criança precisa, não não só o que ela quer, não é uma questão do que ela quer, mas o que ela vai precisar (...) e depois mesmo no sentido a... de apoio emocional, de ter alguém lá, de repartilhar as tarefas, de conseguirmos educar também.” (João, 25 anos)

Ou nas palavras de outro participante:

“Preferencialmente sim, porque... primeiro lugar por causa de questões de trabalho, não... o, sabemos que estes trabalhos são muito, imprevistos, são muito imprevisíveis (...) E... a... tem a ver um bocadinho por aí e duas pessoas claro que educam muito mais e... em conjunto com, com a... com, com os valores de ambos e tudo mais, acho que... dá muito mais resultado, acho eu.” (Salvador, 31 anos)

Para além disso, é referido pelos participantes a importância da rede de pessoas em redor na educação da criança, uma vez que tanto fornecem apoios financeiros como emocionais, como permitem que a criança tenha contacto com outras formas de estar no mundo e com outras realidades. Por outro lado, uma outra vantagem evidenciada sobre a coparentalidade é o facto de a educação da criança não ter necessariamente de estar vinculada a uma relação amorosa entre os pais/mães. Neste sentido, a coparentalidade pode configurar-se vinculada a uma relação de amizade e não a uma relação conjugal tradicional. Desta forma, o compromisso definido é com o filho/a e não com o companheiro/a, sendo desconstruído o compromisso com uma organização familiar tradicional.

“E eu acho que para uma criança, é muito interessante essa possibilidade, da criança ter contacto com, com mais do que realidade do que uma bolhinha, né, de uma casinha, ali dentro daquele núcleo e eu acho que é muito rico para uma criança esse tipo de... de criação, em que ela vai ter contacto com... diversas formas de se estar no mundo, né? E eu acho que esse tema de coparentalidade também... a... uma das vantagens que ele traz é que a criação dos filhos não fica vinculada a uma.. relação afetiva ou sexual entre o casal né? Muitos momentos eu acho que o casal não está bem, obviamente que os filhos sentem isso (...) na coparentalidade como é uma relação mais de amizade entre as pessoas né, mais de um projeto comum, que é a criação daquele filho né? Eu acho que a relação de compromisso se estabelece muito mais com o filho né, ou a filha ou enfim a criança do que com, do que entre as duas pessoas né?” (Maria, 33 anos)

Relacionado com o anteriormente descrito, é realçado por outra participante a reduzida importância que as ligações biológicas têm nas relações de amor e cuidado, uma vez que considera que não é necessário ter filhos para estabelecer relações de cuidado e de reciprocidade com pessoas mais novas ou mais velhas. Neste sentido, não é necessário ter uma ligação biológica e filiativa com uma criança para desempenhar um papel central na educação desta.

“Quando nós falamos em, em pessoas LGB a... e LGBT a... a... nós precisamos que é assim, há muitos tipos de relações a... de de de, de amor de carinho de de... até de parentesco quase que não, que não, que não têm a ver e que não, que não se dão relativamente a... ou com pessoas do mesmo, do mesmo sangue e às vezes por exemplo a questão dos sobrinhos há pessoas que se calhar a... são, tias, ou tios a... dos filhos dos amigos não é?” (Catarina, 33 anos)

Assim, é sugerido que a coparentalidade pode ser conceptualizada de diversas formas. Por um lado, são realçados os benefícios que um/uma companheiro/a pode trazer à educação de um/uma filho/a. Por outro lado, outras pessoas que partilham a educação da criança têm também vantagens na sua educação, dissociando a ideia que a coparentalidade tem que estar vinculada a uma relação conjugal e filiativa. Neste sentido, alguns participantes desconstróem a forma tradicional de família e a conceptualização tradicional de coparentalidade, uma vez que, os papéis parentais podem ser desempenhados por qualquer pessoa.

A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na ideia de Coparentalidade

Neste subtema, foi elucidado pelos participantes que os/as sobrinhos/as influenciaram na desconstrução da coparentalidade como vinculada a uma organização familiar tradicional. Para alguns participantes, a parentalidade é conceptualizada como comunitária, uma vez que, através dos/as sobrinhos/as começaram a perceber a relevância da entre ajuda e apoio entre os pais, avós e tios na educação destas crianças. Inclusivamente, houve uma participante que, através das sobrinhas, compreendeu que ser mãe sozinha pode ser muito exigente e muito difícil.

“Para mim acho que, para mim ter um filho sozinho não me vejo... muito... hum... nesse, nesse panorama até porque para mim ter um filho acho que é uma coisa muito comunitária, tem que haver uma rede de pessoas à volta, vejo isso muito com o meu sobrinho, os meus pais estão super presentes, os avós do lado da mãe também muito presentes... nós tios também estamos bastante presentes, portanto sinto que... a ser, gostaria que fosse uma coisa mais comunitária.” (Dinis, 33 anos)

Para além disso, foi referido pela Catarina, que o sobrinho a influenciou na compreensão de que não é preciso ele ser seu filho para construírem uma ligação profunda de amor. Desta forma, a participante considera que não é necessário existir um laço filiativo entre os dois, para ser construída uma relação semelhante às de pais/mães e filhos.

“E eu acho que, a, o meu sobrinho a... faz-me pensar isso também, faz-me pensar que, que ele não precisa de ser meu filho, para nós construirmos uma relação de apoio, de de troca, de... a... compreensão mútuos que... que façam com que, com que nós podemos ter uma relação muito estreita né?” (Catarina, 33 anos)

Enquanto para alguns participantes os laços biológicos não são importantes, para uma participante se o laço com os sobrinhos for biológico, este é relevante. Neste sentido, a Vera antes de ter as sobrinhas na sua vida, pensava na adoção, contudo, pela relação

mantida com as sobrinhas, começou a considerar a hipótese de ter um filho/a biológico por observar semelhanças físicas particulares da sua família nestas crianças.

“Mas acho que principalmente, o ver alguém que veio com um nariz da nossa família, os olhos, o olhar, a expressão, acho que isso começou-me a despoletar a... este bichinho para ser algo... não gosto de dizer algo meu, porque os filhos eventualmente serão dados ao mundo não é? Mas algo que, que dê continuidade à minha linhagem, vamos, vamos dizer-lhe assim, então acho que influenciaram-me desta forma. (...) Então esta beleza, foi o que se calhar me gostou, me fez gostar de um dia ver uma Vera pequenina, a... por aí, porque acho que se calhar não tivesse a... a ligação com as minhas sobrinhas não iria surgir tanto este desejo, por... por os laços biológicos.” (Vera, 23 anos)

Desta forma, os/as sobrinhos/as têm influência na forma como se conceptualiza a família. Se por um lado, uma participante revela que as sobrinhas a influenciaram na reflexão sobre a importância da ligação filiativa, logo uma maior proximidade a uma organização familiar tradicional. Por outro lado, os/as sobrinhos/as têm igualmente influência na desconstrução do conceito tradicional de família, visto que, a parentalidade é considerada comunitária e, portanto, não fica restrita aos papéis parentais tradicionais.

Possibilidade do exercício da parentalidade sem companheiro/a

Neste subtema é referido por alguns participantes que a parentalidade pode ser exercida sem ter um/uma companheiro/a. Apesar de um destes participantes, revelar que o exercício da coparentalidade tem certos benefícios, não considera ser impossível ser pai não estando numa relação. Por outro lado, um participante não associa benefícios à coparentalidade, uma vez que, considera existir uma diferenciação entre a parentalidade e o que uma relação pode fornecer. Para este participante, uma relação amorosa implica ter uma companhia e um apoio, enquanto ser pai implica a presença de um desejo parental.

“Eu acho que, são dois projetos diferentes, acho que estar numa relação é... é nós querermos partilhar, algo com com, com alguém da nossa vida e, e ter um apoio na, nas nossas decisões e nas tomadas de decisões a... e mais, por uma questão de companhia. Ter algo, ter um filho ou uma filha, já tem mais a ver com... com desejo de nós querermos a... ajudar a crescer e, educar alguém para, para o futuro, não é? E... acho que são 2 coisas que se distinguem uma da outra, não precisa necessariamente de ter alguém ao meu lado para poder, educar ou para poder ensinar algo a uma outra pessoa.” (Tomás, 34 anos)

Assim, há mais uma vez, uma dissociação entre parentalidade e uma relação conjugal tradicional, sendo que para estes participantes o exercício parental não está vinculado a uma constituição familiar tradicional.

Inconstância da Aspiração Parental ao Longo do Tempo

Neste tema é referido pelos participantes que a aspiração à parentalidade não é imutável, podendo ser influenciada por diversos fatores, o que faz com que ocorram diversas alterações e flutuações ao longo do tempo. Neste sentido, para alguns participantes o desejo parental foi crescendo ao longo do tempo, para outros foi diminuindo, enquanto para outros o desejo parental cessou no decorrer dos anos. Foi identificado um subtema, que irá ser desenvolvido posteriormente: (1) a influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na aspiração parental.

Foi elucidado por alguns participantes que inicialmente não tinham desejo parental, mas ao longo do tempo o mesmo surgiu e intensificou-se, bem como a intenção parental.

“A... a minha irmã foi mãe com 17 anos, a... eu com 19 anos não me imaginava ou com 17 a... não me imagina a ter... um filho nos braços e a ter que cuidar e ter que que, pôr comida na mesa e ser responsável pela aquela criança, por aquele ser. (...) A... mas a... tenho vontade em ser pai, tenho vontade na adoção e é uma coisa que se calhar, embora esteja a planear para daqui a uns anos, se me dissessem “vem já”; vem já. Mas... mas foi aprofundando com, eu acho que foi crescendo e foi surgindo.” (Salvador, 31 anos)

Por outro lado, é igualmente referido por alguns participantes o oposto ao anteriormente descrito, sendo referido que sempre desejaram constituir família com filhos, mas que o desejo parental foi diminuindo, fazendo com que atualmente ainda não tenham tomada uma decisão acerca da parentalidade.

“Eu acho que ele [desejo parental] é um gráfico assim que quando eu tenho os meus... 19/20 ele estava tipo aqui assim e com os 24 ele explodiu, até saiu lá do gráfico e aí dos 25 para os 30 ele deu uma caidinha assim de leve... dos 25 aos 27/28 deu uma caidinha de leve, com os 28 ele subiu de novo porque foi a época que eu me casei... e acho que aí depois que eu me casei, a gente já estava começando a fazer uns planos a minha ex e eu de pesquisas e tal e aí com 30 estava lá no ponto máximo de novo do "quero agora" e agora com 33 acho que já caiu mais um pouquinho e já começo a cogitar a possibilidade de que talvez eu não seja mãe, algo que nunca havia passado pela minha cabeça antes né, eu nunca tinha visto a minha vida sem... a maternidade, e hoje já consigo enxergar a minha vida sem a maternidade e feliz igual, sabe realizada igual, sem que isso seja um grande problema na minha vida.” (Maria, 33 anos)

Ainda neste sentido, uma participante refere que já foi tomada a decisão de não constituir família com filhos, apesar de inicialmente ter-se imaginado a ser mãe. Apesar de já ter tomada essa decisão, ela elucida que há um reafirmar constante da mesma; sempre que reflete sobre a decisão de ser mãe, acaba por excluí-la novamente por considerar que tem outros objetivos de vida que não se coadunam com a parentalidade.

“Um dia ia ter filhos, (...) uma das últimas das minhas irmãs a ter filhos (...) Tinha outras... outras vontades a... mas pronto eventualmente sempre, quando estava em

relações ou, ou... mesmo sem estar em relações a... era uma coisa que eu não punha de parte, a... a... mas... a... mas depois deixou de ser. (...) cada vez mais, a... e ao longo dos anos, que essa ideia tem-se dissipado e tem, e tem, e tem acontecido um, um, um... para mim, um um, um reafirmar constante, de que não é por aí, não é, não é... não é a minha, o meu propósito não é... não é ter filhos.” (Catarina, 33 anos)

Assim, este tema elucidada que a aspiração parental é mutável, podendo levar à diminuição, ao aumento ou à cessação do desejo parental. Para além de mutável, a aspiração parental pode ser influenciada pela relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as, um subtema que irá ser seguidamente explicitado.

A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as na aspiração parental

Foi descrito por todos os participantes que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as tiveram alguma influência na sua aspiração à parentalidade. Contudo, os participantes destacaram diversos tipos de influências exercidas pelos sobrinhos/as e/ou afilhados/as. Para alguns participantes, os/as sobrinhos/as e afilhados/as ajudaram a despertar o desejo parental e as questões da parentalidade. Neste sentido, é referido que pelas relações estabelecidas com estas crianças e por terem a oportunidade de observar os cuidados que os pais têm com os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as, fez com que surgisse o desejo de constituir família com filhos. Inclusivamente, um participante referiu que mudou a sua perspectiva não só sobre a parentalidade, mas também sobre as crianças, por ter passado muito tempo com a irmã e o sobrinho.

“Mas acho que aí foram primeiras vezes que me surgiram pensamentos de... sobre a parentalidade. O desejo em si a... acho que foi mesmo com as minhas sobrinhas, acho que foi mesmooo com o contacto com elas, com... o ver... expressões faciais da minha irmã, perceber a beleza que, que engloba o procriar e, e, e deixar alguém cá por isso acho que, o desejo em si, de ser mãe foi efetivamente a... com, com a interação com as minhas sobrinhas, sim.” (Vera, 23 anos)

Outros participantes referiram que os/as sobrinhos/as e afilhados/as foram responsáveis pela intensificação do desejo parental que já tinham. Uma das participantes descreve dois tipos de influências exercidas pelas suas sobrinhas. Por um lado, a relação mantida com as sobrinhas ajudou a despertar o desejo parental e, por outro lado, a relação próxima com as sobrinhas fez com que o desejo parental se mantivesse ativo. Esta influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as pode ser justificada pela relação próxima que é mantida com estas crianças. Neste sentido, a Vera refere que a relação de proximidade mantida com as sobrinhas, levou à ativação de um lado maternal/cuidador. Por consequência, esta ativação de um lado maternal, aumenta os desejos parentais.

“Mhumm, é assim, para além de, de... ao nível de intensidade pronto é... é a solidificação que estávamos a falar anteriormente e é inegável, sim, aumentaram a minha... intensidade do desejo de parentalidade. De que forma? (...) este contacto também despoletou um lado de mim, que é o lado, que é o lado materno que suponho, vou supor que todos temos. Aí então acho que para além desse reforço positivo, de momentos incríveis com elas e aprendizagens enormes, acho que se calhar contribuíram para o aumento do meu desejo a... ativando a... um lado mais materno, um lado meu mais... cuidadoso. (ri)” (Vera, 23 anos)

Da mesma forma, o João refere sentir uma grande necessidade de proteger o seu afilhado por perceber a fragilidade dele, conseqüentemente, os desejos parentais aumentam pela ativação de um lado protetor/cuidador relativamente ao afilhado.

“E mesmo ver, o... o... o menino, o meu afilhado, a... vejo muito isso, vejo alguém, vejo uma criança que é frágil, que ainda tem muito para crescer e por aí fora e que eu tenho um desejo enorme de proteger e acho que isso também ajuda bastante, se calhar a intensificar a minha necessidade ou o meu desejo de ter uma criança, mesmo por aí.” (João, 25 anos)

Em oposição, alguns participantes referiram que os sobrinhos os fizeram refletir e questionar a parentalidade e o seu próprio desejo parental. É referido por uma das participantes que no momento de nascimento da sobrinha, houve um encantamento porque a criança era muito semelhante a ela, o que intensificou o desejo de ter filhos. Contudo, por ser a sobrinha uma criança tão próxima de si, foi também acompanhando as dificuldades que iam surgindo. Assim, a observação da dinâmica parental entre a sua irmã e cunhado reduziu o seu encantamento e romantização associado à maternidade, fazendo-a refletir sobre a sua própria ideia de parentalidade.

“E eu acho que aí aconteceu uma coisa curiosa, porque toda aquele encantamento que eu tinha pela maternidade, a romantização que eu fazia, foi um pouco por água abaixo sabe? (...) A coisa não é tão simples assim, então foi o contrário né, é claro que eu senti uma vontade muito grande, porque é muito lindo você vê uma criancinha que ainda mais parece com você né, dentro do teu, do teu núcleo familiar, mas... mas foi bem interessante para desromantizar um pouco também a... a maternidade, que nunca lá foi uma coisa tão romantizada na minha cabeça, mas o pouco que havia eu acho que ele se desfez acompanhando o... o início da minha irmã com a minha sobrinha (...) Então tudo isso me fez pensar muito em talvez... talvez não né, não é, a decisão pelo não, não foi tomada, mas a decisão pelo talvez não, sim né pela primeira vez comecei a cogitar o não ter filhos.” (Maria, 33 anos)

Também para o Dinis o sobrinho teve influência na diminuição do seu desejo parental. A presença do sobrinho na sua vida e a relação estabelecida com ele, fizeram-lhe questionar/duvidar o seu próprio desejo de ser pai, tal como o descrito pela Maria, por sentir que não estava preparado para a sua vida mudar em prol de uma criança e por perceber a exigência associada à parentalidade. Contudo e contrariamente ao descrito pela

Maria, no caso do Dinis houve uma diminuição do desejo de constituir família com filhos, visto que o participante sentiu um amor incondicional pelo sobrinho, amor esse que acredita que sentiria por um filho, não necessitando de ser pai, para poder sentir este amor tão forte. Inclusivamente, o Dinis descreve que quando o sobrinho nasceu ele sentiu o mesmo que um pai sente ao constatar todas as semelhanças físicas num filho biológico, até porque o sobrinho é muito parecido com ele fisicamente. Neste sentido, o sobrinho parece colmatar o desejo parental do Dinis, uma vez que, a relação de amor mantida com o sobrinho começa a aproximar-se de uma relação filiativa, logo a preencher um lugar de um/uma filho/a seu.

“A... eu acho que... ele veio no fundo de alguma forma também saciar um bocado essa vontade, ou seja, de repente há uma criança que me é muito próxima e que... há aqui um... que... é muito semelhante, diria eu, ou seja, o amor que eu sinto pelo meu sobrinho e lembro-me quando ele nasceu foi esta coisa de não fazia a mínima ideia de que pessoa ele ia ser, mas sabia à partida que seria um amor incondicional que eu teria ali por ele. Sinto muito que ele veio no fundo trazer este... este amor que um pai sentiria e sentirá por um filho, trouxe isso para a minha vida. Mhh... acho que de alguma forma apaziguou um bocado esse desejo, do género está aqui esta criança.” (Dinis, 32 anos)

Ainda neste sentido, é descrito por participantes que tomaram a decisão de não ter filhos, que os sobrinhos reforçaram esta decisão. Ou seja, é descrito que os sobrinhos não alteraram as decisões de não terem filhos nem contribuíram para elas, mas fizeram com que se sentissem mais confortáveis com esta decisão. Para a Catarina, o sobrinho acaba por reforçar a sua decisão de não querer ser mãe, uma vez que, já existe uma criança que carrega os genes da família. Neste sentido e tal como refere o Dinis anteriormente, a Catarina revela ter o desejo de construir uma relação filiativa com o sobrinho e estar presente na vida dele. Da mesma forma, o Mateus refere que o sobrinho deixou-o confortável com a sua decisão de não querer ter filhos, por sentir que tanto o seu sobrinho, como outros afilhados que possa vir a ter vão colmatar possíveis desejos parentais que poderão surgir. Neste sentido, para o Mateus ser tio é ter a parte positiva da parentalidade, uma vez que pode estar perto do seu sobrinho e acompanhar o seu crescimento e desenvolvimento, sem ter as responsabilidades parentais, podendo até complementar o trabalho dos pais.

“Ou seja, eu acho, eu sinto-me é mais confortável com esta ideia, porque eu vou poder... porque eu, apesar de eu, sei que não vou ter filhos, mas, que vou ter acesso a uma parte, de ser pai, não sei se me faço, entender.” (Mateus, 32 anos)

Para além disso, foram descritas pelo Tomás, influências contraditórias dos sobrinhos no desejo parental. Por um lado, é referido que os sobrinhos despertaram o seu

desejo de ter filhos, uma vez que, quando a irmã relata episódios dos sobrinhos, o Tomás sente um desejo de acompanhar o desenvolvimento duma criança também. Contudo, é elucidado que a proximidade que tem com os sobrinhos também colmata o desejo que ele sente em assistir ao desenvolvimento de uma criança e em ser pai, porque já assiste ao desenvolvimento dos sobrinhos, tal como foi descrito pelo Dinis.

“Pelo facto de.. de também não não não, não sentir as mesmas a... não ver alguém tipo por exemplo a dar a primeira, a dizer a primeira palavra, ou a dizer que... aquelas coisas que nos deixam de boca aberta, como é que, como é que é possível ter dito isto ou assim e isso a... e eu gostava de poder também... estar, parece que há uma parte que nós não temos, que eu não tenho, que eu não vivo. A... mas por outro lado, acho que também colmata o fato de não ter... e os meus sobrinhos, com a proximidade que eu vou tendo com eles, vão, vão se calhar colmatar um bocado esse lado.” (Tomás, 44 anos)

Assim, são referenciados pelos participantes diversos tipos de influências exercidas pelos sobrinhos/as e/ou afilhados na aspiração parental. Por um lado, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados podem ser responsáveis pelo despertar e intensificação do desejo parental, como pela reflexão sobre a parentalidade ou até pelo colmatar dos desejos parentais.

As Expetativas Associadas à Parentalidade

Neste tema, são descritas algumas das expetativas que os participantes têm relativamente ao exercício da parentalidade e como estas são influenciadas pelos sobrinhos/as e/ou afilhados/as. Foi ainda identificados um subtema, que irá ser elaborado posteriormente: (1) a influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as... nas expetativas associadas à parentalidade.

A... mas... acho que vai ser logo, uma conquista realizada, ao nível emocional eu nem sei, é é, tão difícil, sabes aquela, aquela... típica história do "ai agarrei nele e senti um amor para sempre" (...) acho que quando for mãe, deve ser uma sensação incrível. A... e a partir daí é agarrar a oportunidade e tentar deixar aqui um pássaro a voar da forma mais... livre, respeitosa e... e deixar algo bom no mundo, deixar é é, mesmo, quando eu for mãe, espero a... fazer as coisas de forma a que deixe aqui um... um bocadinho de, de magia e de energias positivas e acho que assim, já me sinto bem.” (Vera, 23 anos)

Assim, alguns participantes descrevem a parentalidade como desafiante, mas também como uma grande conquista a nível emocional, pelos sentimentos de amor que iriam ter pelo filho/a.

A influência dos/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as... nas expetativas associadas à parentalidade

Neste subtema, é descrito como a relação com os sobrinhos pode ter influência nas expetativas construídas relativamente à parentalidade. Para a Vera, por já ter experienciado sentimentos inexplicáveis e intensos na relação com as sobrinhas, considera que quando for mãe sentirá um amor incondicional.

“É um facto, que, a... com as minhas sobrinhas eu já senti sentimentos, que eu não tinha sentido antes, eu chorei uma coisa que nunca tinha acontecido na minha vida, eu explico-lhes que elas às vezes, para sentirem e fecharem os olhos e pronto tenho vídeos das minhas sobrinhas a dançarem de olhos fechados balé, pseudo balé e eu chorei a... e, e, eu eu, eu depois eu disse: "Mas o que é que é isto? Eu vou ser aquela tia babada que vai lá para trás e que vai tar nas audições a chorar". E e, e isto surpreendeu-me mesmo e foi há relativamente pouco tempo, por isso, acho que, se isto é assim, é tão inexplicável e é tão main stream, mas é tão inexplicável porque eu nem sei bem porque é que chorei, já vi a minha irmã tantas vezes, emociona-me muito ver, mas eu tava com lágrimas.” (Vera, 23 anos)

Por outro lado, a Maria refere que as expetativas criadas sobre a parentalidade são influenciadas pela observação das descobertas da sobrinha e das dificuldades da irmã com a criança. A observação da sobrinha e das dinâmicas da irmã com a filha, permite-lhe imaginar as dificuldades que iria sentir, como seria um/uma filho/a seu e as descobertas dele/a. Contudo, considera que é influenciada pela sobrinha por ser uma criança próxima e não pelo laço familiar.

“E acho que sim eu vejo as dificuldades e as delícias que a minha irmã vai tento né, com a Sofia e... e... aí as descobertas todas que a própria Sofia vai fazendo e isso tudo vai... vai formando aqui no meu imaginário né, como seria, uma possível filha minha ou um filho meu né, descobrindo e vivendo tudo aquilo e tal e as dificuldades também. Mas acho que muito mais no sentido de ser uma criança próxima, mais uma criança próxima.” (Maria, 33 anos)

Desta forma, as relações mantidas com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciam as expetativas criadas relativamente à parentalidade. Neste sentido, são perspctivados os desafios, como o amor incondicional que irá ser sentido pelos filhos/as, dado que já são sentidas emoções pelos sobrinhos/as e/ou afilhados nunca antes experienciadas.

A Influência dos/as Sobrinhos/as e/ou Afilhados/as na Conceptualização de Parentalidade

Este tema refere-se à forma como os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciam a representação de parentalidade e como os participantes gostariam de exercer a mesma

no futuro. Os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciam a forma como se representa a parentalidade, através da observação dos participantes das dinâmicas entre eles e as figuras parentais, bem como, do contacto direto e próximo que é mantido com estas crianças.

Alguns participantes associaram a parentalidade ao cuidado permanente e constante. Por um lado, é realçado a importância do apoio, amor, proteção e presença dos pais/mães nos processos de desenvolvimento e descoberta das crianças. Por outro lado, os filhos/as podem posteriormente, cuidar dos pais/mães quando estiverem mais velhos. Este tipo de representação da parentalidade, é influenciada pela relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as, seja pela observação que os participantes fazem da forma como os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as são cuidados pelos familiares, como pelo contacto direto e diário com estas crianças.

Tal como é referido pelo Daniel, as relações de proximidade e a observação do cuidado que os familiares têm para com os/as seus/suas sobrinhos/as e afilhadas, fazem com que ele deseje construir estas relações profundas e de cuidado quando tiver filhos.

“Eu vejo ele avançando na escola, às vezes tendo alguns problemas de, e o meu marido chamando à atenção dele para isso também, é uma influência para mim e as minhas sobrinhas a... eu vejo a questão das duas a... serem... parceiras uma da outra enquanto irmãs e... e vejo a minha amiga, a forma como ela cuida delas e isso também me dá essa vontade também de fazer da mesma forma.” (Daniel, 27 anos)

Para a Vera, a relação próxima estabelecida com as sobrinhas leva-a a considerar como gostaria de ser mãe, fazendo-a aplicar o cuidado na relação com as sobrinhas.

“Mhumm. A... se eu tiver que dar um nome, eu se pensar assim num nome à pressão, diria que, que era ser companheira e que tento ser o mais companheira possível delas a... tento-lhes explicar e e, acho que, é a minha relação com elas que me está a fazer criar um tipo de modelo de parentalidade, ou seja, como é que eu gostaria de ser mãe, ou como é que eu acho que faz sentido ser mãe e... e tento aplicá-la na nossa relação e a nossa relação é à base de confiança.” (Vera, 23 anos)

Para alguns participantes, é mencionado a importância da transmissão de uma boa educação, assente no respeito, estabelecimento de limites e partilha de valores, embora respeitando a identidade e autodeterminação da criança. Os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as têm influência na criação de determinadas práticas parentais como uma dimensão da parentalidade, uma vez que, através da relação de proximidade com os sobrinhos/as, começa a conceptualizar-se o tipo de pai ou mãe que pretendem ser no futuro. Neste sentido, o contacto diário com os sobrinhos/as bem como a observação das relações parentais com os sobrinhos/as, para além de permitir existir uma compreensão

das atitudes que resultam na educação das crianças, permite a reflexão sobre o tipo de educação que querem transmitir aos filhos, o tipo de pai ou mãe que pretendem ser e o que é necessário para transmitirem os valores que consideram certos.

“A... e mesmo através da, da minha irmã e com a minha família eu sinto que tenho feito refletir imenso acerca de que tipo de pai é que eu quero ser, visto que... eu por vezes sou aquele tio chato, em que o meu pai, muitas vezes está com o neto a dizer: "Ah tás grande, daqui a pouco já vais às namoradas". E eu tenho que tar sempre "Não, não digas isso, tu não sabes qual é que (ri) primeiro não vais sexualizar a criança e depois não vais (ri) tipo... dizer que ele só vai às namoradas se é para ser justo ele pode ir aos namorados", ou então aquela questão dos brinquedos também, de... de o meu pai só lhe dar... coisas muito focadas no género, do... os carros, as ferramentas, e eu a minha irmã já temos, eu já falava muito com a minha irmã e ela ter a noção também por minha causa, se calhar não há mal nenhum em poder dar a... bonecas e coisas assim, que ele efetivamente até gosta, também para lhe ensinar o que é que é prestar cuidados.” (Nuno, 23 anos)

Para outros participantes, a parentalidade é associada à responsabilidade, sendo evidenciado que o cuidador é responsável pela educação da criança e tem que ter consciência de que aquela criança é totalmente dependente dele. Neste sentido, a Maria refere que a sobrinha teve influência nesta associação, por detetar algumas características da sobrinha que são semelhantes à sua mãe e irmã. Esta observação, leva a que ela reflita sobre a importância da responsabilidade, visto que as crianças mesmo com pouca idade, imitam o que os adultos fazem.

“Eu acho que sim, um pouco sim, não só, mas acho que sim. Porque... principalmente vendo a... já, ela é tão pequeninina né, com 3 anos eu já consigo ver algumas coisinhas ali nela que são muito o espelho da minha irmã né e que são muito o espelho da minha mãe... que são muito o espelho do meu pai e... e coisas que eu olho e penso: "Fogo isso não devia ter internalizado nessa criança, ela é tão pequenininha e já pegou essa parte desse, desse ADN que está tão podre (ri). Porquê?”. E... então acho que observando ela, eu... acho que sim, influenciou, essa... essa reflexão da responsabilidade que é você... ser um exemplo para outra criança né, desde tão pequenininhos eles estão observando tudo o que você faz, tudo o que você é.” (Maria, 33 anos)

Por fim, a parentalidade foi igualmente associada ao desenvolvimento pessoal, uma vez que, a responsabilidade de ser um exemplo para uma criança, leva a pessoa a ser mais consciente e autêntica. Para além disso, há uma associação da parentalidade ao desenvolvimento pessoal, pela exigência da gestão de tempo, reformulação de prioridades e questionamento sobre a vida.

“Acho que devem, devem todos os dias acontecer pequenas milagrinhas, assim de descobertas daquela criança, que devem te fazer repensar... quem é você, o que é que é a vida e tudo né. E isso é maravilhoso, isso deve ser super encantador, deve ser uma experiência muito... transcendental assim né.” (Maria, 33 anos)

Desta forma, a relação mantida com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as tem influência na forma como se conceptualiza a parentalidade, ajudando a construir um modelo de exercício parental para aplicar no futuro com os filhos/as.

O Preconceito Associado à Homoparentalidade

Neste tema, são explicitadas as dificuldades antecipadas, acrescidas à parentalidade exercida por pessoas LGB devido ao preconceito enraizado na sociedade e no seio familiar, e como a ligação à comunidade LGBT pode ser um fator protetor deste preconceito. O preconceito vigente na sociedade e no seio familiar podem condicionar a aspiração à parentalidade em pessoas LGB. Foram identificados três subtemas, que irão ser desenvolvidos posteriormente: (1) o preconceito existente na sociedade, (2) o preconceito na família de origem e (3) a importância da ligação à comunidade LGBT.

O preconceito existente na sociedade

Neste subtema foi salientada a falta de aceitação da homoparentalidade ainda vigente na sociedade Portuguesa. Apesar da legalização da homoparentalidade, a sociedade ainda mantém os seus preconceitos relativamente à constituição de famílias LGB com filhos.

“Embora seja mais, seja aceite, podemos dizer assim a lei pode aceitar muita coisa, mas a realidade é será que a nossa sociedade aceita mesmo? É uma história completamente diferente, eu não assino um papel a dizer "ah sim podes adotar legalmente" para depois toda a gente recusar, para depois não ver com a mente aberta e acho que Portugal não está, ainda lá a 100%.” (João, 25 anos)

Inclusivamente, uma participante receia que o filho/a seja prejudicado/a por ter uma família homoparental.

“Acho que vou ter muito receio, dependente ou não, o receio estritamente dependente de... como as coisas vão evoluir mas, que que a minha criança alguma vez seja prejudicada a... pelo simples e pleno facto de ter duas mães, isso acho que, que isso ia comigo causar muita revolta.” (Vera, 23 anos)

Para além disso, é mencionado a forma como a sociedade condiciona as oportunidades para a parentalidade, pelos custos financeiros associados à adoção e métodos de reprodução e pela reflexão e passos exigidos.

“Mmm... Faz-me refletir mais no sentido em que pelo menos como não é um percurso a... linear e, e e espetável, ou seja, não é simplesmente conheci uma rapariga.. enrolamo-nos e pimba aconteceu um bebé. A... exige que pense mais no assunto, porque é isso, não é uma coisa que possa acontecer assim sem, sem, sem ações concretas.” (Dinis, 32 anos)

Estas dificuldades acrescidas à homoparentalidade limitam a aspiração à parentalidade. Um participante refere que apesar de ter desejo parental, pode não conseguir concretizar a parentalidade devido às dificuldades acrescidas à homoparentalidade, isto é, os custos associados à adoção e métodos de reprodução assistida, bem como, pelo preconceito vigente na sociedade. Neste sentido, a parentalidade é considerada stressante e assustadora, levando a uma maior reflexão e planeamento sobre o assunto, por ser exigido um maior nível recursos financeiros e ações para concretizar a parentalidade.

O preconceito na família de origem

Neste subtema é referido pela grande maioria dos participantes as dificuldades sentidas no processo de aceitação da sua orientação sexual pelos familiares. Tal como referido no subtema anterior, o preconceito na família de origem pode condicionar a aspiração parental, uma vez que o apoio e presença da família é considerado importante para criar um filho/a.

Para alguns participantes, apesar das dificuldades iniciais na aceitação das suas orientações sexuais, atualmente a família é aceitante e apoia os filhos/filhas na concretização do casamento com outra pessoa do mesmo sexo e a sua parentalidade. Contudo, para outros participantes, a aceitação da orientação sexual ainda é difícil no seu seio familiar. Neste sentido, é referido que o casamento e a homoparentalidade são ainda tabus para a família, acreditando que têm que dar esse passo sem eles.

“A minha família eu não sei, eles, eles podem até assumir que eu quero isso, isso eu nunca mencionei a eles, eu acho que a ideia só do casamento é uma ideia um bocado afastada da mente, por nem eu quero lidar com a ideia de querer casar e depois ter que os convidar e depois aquele receio de não quererem vir ou por aí fora, muito menos explicar a eles quero ter uma criança, ainda é muito tabu nesse sentido.” (João, 25 anos)

O Tomás sente que alguns familiares têm receio de como a sua orientação sexual pode ser transmitida às crianças, relatando que os familiares, por intermédio do sobrinho, expressavam os seus preconceitos. Neste sentido, ele revela que quando está junto dos sobrinhos, sente-se muito observado e há o cuidado de não os deixarem sozinhos. O participante interpreta este comportamento dos seus familiares pelos receios que eles têm que a homossexualidade possa ser transmitida às crianças.

“A... por exemplo, a... lembro-me que, o meu sobrinho mais velho, ainda devia ter para aí uns 5 anos, uma vez veio ter comigo e disse assim: "Olha a minha avó disse que tu tinhas era que ter uma namorada" e tipo... a primeira coisa que ele me disse foi aquilo quando eu o vi, tipo aquilo deixou-me um bocadinho em... porque eu percebi que não,

que não vinha dele não é? Tipo. Vinha de intermédio de outras pessoas que, que utilizaram uma criança para me dizer aquilo a... e lá está e, e sinto que, (...) aquela coisa de super cuidado quando eu estou com os meus sobrinhos, porque devem ter receio que eu sendo LGBTI possa, reverter a cabeça deles ou qualquer coisa assim, do género não me deixarem sozinho às vezes quando eu estou com os meus sobrinhos, por exemplo.” (Tomás, 34 anos)

Contudo, a Vera acredita que apesar das dificuldades sentidas na aceitação dos pais da sua orientação sexual, estes irão acabar por aceitá-la e apoiá-la nas suas decisões caso deseje casar ou ter filhos.

“Mhumm. Olha, a minha mãe e o meu pai, eu quero acreditar que acima de tudo, eles vão-me amar, acima de tudo vão-me amar de qualquer das formas e... e acredito que... que vai haver uma altura em que eles me vão apoiar incondicionalmente, acho que vai, se é preciso, "tão mas como assim? Tão mas com meninas, filha tão? Como é que é?". Okay, mas... acho que... que vou-me sentir apoiada, e comecei pelos meus pais porque eu acho que é onde eu tenho a minha maior entrave..” (Vera, 23 anos)

Apesar das diferentes experiências e expectativas que os participantes têm relativamente à aceitação da homoparentalidade no seio familiar, todos eles consideram fundamental a presença da dos familiares na educação de um filho/a. Neste sentido, o preconceito na família de origem pode condicionar a aspiração à parentalidade em pessoas LGB, por estas sentirem que não iriam ter o apoio e participação da família na educação do filho/a.

A ligação à comunidade LGBT

Neste subtema é referida a importância da ligação à comunidade LGBT, seja esta mais direta (ligação a associações e ativismo) ou indireta (grupos de amigos, debates LGBT, frequência de espaços LGBT) e como esta ligação pode influenciar a aspiração à parentalidade.

De uma forma ou de outra os participantes sentem-se ligados e conectados com a comunidade, sendo esta ligação uma proteção contra o preconceito vigente. Para o Tomás, a comunidade LGBT tem uma grande importância para si, uma vez que foi através da comunidade LGBT que sentiu o maior apoio e fez boas amizades, por sentir que tinha pessoas que estavam a passar pela mesma situação que ele e que por isso, compreendiam o que ele estaria a passar.

“Acho que, no fundo, se calhar foi aí que eu ganhei o maior suporte, o maior, o maior apoio, foi... falar com outras pessoas, entre pares né sabiam e que estariam na, numa situação parecida ou, ou que compreenderiam, naturalmente situações por onde, por quais eu fui passando e acho que foi aí que eu fiz... as maiores amizades e foi aí que eu fiz

também, a... a maior, tipo a maior ligação e neste momento eu faço associativismo a... também na, na parte LGBTI e também porque acho que é importante que nós nos mantenhamos unidos e, coesos para... para o que vem aí também, porque... não podemos achar que está tudo conquistado.” (Tomás, 34 anos)

Assim, a ligação à comunidade LGBT, direta ou indireta, é importante para os participantes porque através dela é sentido um maior apoio e empatia, o que consequentemente, constitui-se como um fator protetor contra o preconceito ainda vigente na sociedade. Ao desempenhar funções protetoras relativamente ao preconceito e discriminação, a ligação à comunidade LGBT permite que os efeitos do preconceito na aspiração parental sejam minimizados.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo compreender se a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influencia e, de que forma, a aspiração à parentalidade em pessoas LGB. Uma vez que na literatura foram encontrados diversas influências de forma não esperada, este estudo foi o primeiro a focar-se na análise destas influências, pretendendo clarificar os tipos de influência que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as podiam exercer na aspiração parental de pessoas LGB. Como objetivos específicos do estudo, estabeleceu-se que a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as podiam levar à criação, reforço ou reflexão do desejo parental, ou até à cessação do desejo de ter filhos. Para além disso, a relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados podia constituir-se uma das motivações para os indivíduos decidirem não ter filhos. Para esse efeito, foi reunida uma amostra de dez participantes LGB e foram identificados seis temas e sete subtemas, através do método da análise temática.

A relação entre os/as sobrinhos/as e tios/as é diferente de qualquer outra relação estabelecida dentro do seio familiar. Por um lado, por desempenharem papéis importantes na vida destas crianças e, por outro lado, por não ocorrerem confrontos como os que normalmente ocorrem entre os pais e os filhos (Langer & Ribarich, 2007). Efetivamente, o tema abrangente “*O meu Sobrinho/a e/ou Afilhado/a Aquece-me o Coração*” referencia as particularidades desta relação e como a mesma influencia tanto a aspiração parental dos indivíduos e outros domínios da parentalidade, como as conceções de família.

Para além destas crianças serem descritas com diversos atributos e qualidades, as relações estabelecidas entre eles são baseadas no amor, carinho, disponibilidade e afeto. Segundo Langer e Ribarich (2007), os tios/as que nunca casaram, não têm a

responsabilidade associada à parentalidade, o que lhes permite desempenhar papéis que fortalecem a relação com o/a sobrinho/a, tornado este relacionamento recíproco e duradouro ao longo de toda a vida. Congruente com a literatura, é descrito pelos participantes que sempre que partilham momentos com os seus sobrinhos/as, mas também afilhados/as, sentem uma grande felicidade por estar junto destas crianças e percebem que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as ficam felizes por estarem com eles/elas, existindo uma reciprocidade nos sentimentos experienciados. Para além disso, é importante ainda destacar que alguns participantes consideravam os seus sobrinhos/as quase como seus filhos/as devido às semelhanças físicas. Esta constatação pode ser explicada pelos sentimentos de amor, afeto, carinho e cuidado vivenciados pelos participantes, sentimentos semelhantes aos que um pai/mãe sente por um filho/a. Igualmente, o estudo qualitativo de Milardo (2005), teve como objetivo estudar as relações entre os tios e sobrinhos, numa amostra de 21 tios homens e 31 sobrinhos com nenhum laço familiar estabelecido entre os participantes. Foi demonstrado que as relações entre os sobrinhos e tios são ímpares e que os tios podem ter diversos papéis e influências na vida dos sobrinhos, tendo inclusivamente sido identificado um papel paternal dos tios relativamente aos sobrinhos, dado que alguns dos tios revelaram que, pela ausência dos pais, os sobrinhos eram como filhos e alguns sobrinhos descreveram os tios como pais. Para além disso, verificou-se que os tios podem ser mentores pelas relações de apoio, conselhos e críticas dados ao nível da vida profissional e relações interpessoais, podem ajudar na resolução de conflitos entre os familiares e os/as sobrinhos/as por estarem disponíveis para eles/elas e conhecerem os seus familiares. Por fim, os tios também auxiliam a solidificação das relações familiares por revelarem histórias antigas sobre os familiares e estabelecem relações de amizade assentes na reciprocidade, na partilha de momentos e gostos em comum. Assim, para além de ter sido demonstrado no estudo de Milardo (2005) que os tios podem exercer um papel paternal, verificou-se que estes podem ser mentores dos seus sobrinhos, tal como evidenciado no presente estudo quando um participante referiu que desejava ser conselheiro do sobrinho, tarefa que os pais podem não conseguir realizar.

De facto, foi demonstrado que as relações entre os tios/tias – sobrinhos/as e padrinhos/madrinhas – afilhados/as, além de serem únicas e apoiadas na reciprocidade, amor, carinho e cuidado, estas ligações exercem influências tanto nas aspirações parentais dos indivíduos como nas suas conceptualizações de parentalidade e de família.

Neste sentido e relativamente à aspiração parental, foi demonstrado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as exercem diversas influências na aspiração parental das pessoas LGB, tal como já tinha sido demonstrado na literatura. Recordando, o conceito de aspiração parental integra os conceitos de desejo parental, intenção parental, autoeficácia, motivações parentais, expectativas parentais e timing (Costa, 2020; Salinas-Quiroz et al., 2019; Simon et al., 2018; Tate & Patterson, 2019). No presente estudo, foi demonstrado que aspirar à parentalidade é mutável, podendo assim ocorrerem diversas mudanças ao longo do tempo, uma vez que esta pode ser influenciada por diversos fatores. Efetivamente, a literatura tem evidenciado concordância relativamente à mutabilidade da aspiração parental (Mezey, 2008; Stacey, 2005). No estudo qualitativo de Stacey (2006) foram entrevistados 50 homens gays em Los Angeles. Enquanto alguns destes participantes descreveram que sempre desejaram constituir família com filhos e fariam tudo o que estaria ao seu alcance para cumprir esse desejo, outros referiram que não têm qualquer desejo parental. Contudo, a grande maioria dos participantes foram considerados “ambivalentes”, visto que, o seu desejo parental era influenciado por diversos fatores, fazendo com que estes indivíduos tanto possam procurar concretizar a parentalidade, como rejeitá-la. Ainda neste sentido, no estudo de Mezey (2008) com mulheres lésbicas foi demonstrado que a decisão de constituir ou não família com filhos é influenciada por diversos aspetos, como o processo de revelação da orientação sexual, a raça e a classe. Inclusivamente, foi ainda demonstrado no presente estudo que mesmo para os participantes que decidiram não constituir família com filhos, esta decisão foi e é continuamente refletida e ponderada. Esta evidência é congruente com os estudos de Blackstone e Stewart (2016) e Hayfield et al. (2019), com pessoas que não desejavam ter filhos/as, tendo sido demonstrado que a decisão de não constituir família com filhos/as é uma decisão pensada e que exige uma reflexão constante. Assim, a aspiração à parentalidade não é pautada pela constância, mas sim pela mutabilidade, sendo que para alguns dos participantes do presente estudo, se inicialmente estes não tinham desejo parental, com o decorrer do tempo o desejo de constituir família com filhos surgiu e intensificou-se, tal como a intenção parental. Por outro lado, para alguns participantes que sempre tiveram desejo de ser mães/pais, ao longo do tempo este foi diminuindo, fazendo com que atualmente ainda não tenham decidido se querem ter filhos ou não. Efetivamente, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados podem ser um dos fatores explicativos da ambivalência e mutabilidade da aspiração parental em pessoas LGB, identificada na literatura (Mezey,

2008; Stacey, 2005), visto que estas crianças influenciam de diversas formas a aspiração parental de pessoas LGB.

De facto, todos os participantes revelaram que os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciaram, de diversas formas, as suas aspirações parentais. Na literatura existem poucos estudos que investigaram a influência dos/das sobrinhos/as e/ou afilhados/as na aspiração parental de pessoas LGB, e os estudos que demonstraram esta influência, referem influências contraditórias (Araldi e Serralta, 2019; Bergstrom-Lynch's, 2015; Blackstone e Stewart, 2016; Costa, 2020). No estudo qualitativo de Costa (2020), com 9 indivíduos poliamorosos entre os 24 e os 37 anos, verificou-se que metade dos participantes revelaram que o desejo surgiu ou foi reforçado pelas relações mantidas com crianças ou pela observação de crianças com os pais. Inclusive, um dos participantes referiu que o seu desejo parental surgiu pelas relações próximas com crianças no seio familiar e por ajudar a cuidar dos seus sobrinhos. Da mesma forma, no presente estudo foi demonstrado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as fizeram com que surgisse o desejo parental e fossem alterados pontos de vista sobre a parentalidade. De facto, a relação de amor mantida com os/as sobrinhos/as e/ou afilhadas e a observação dos cuidados dos pais para os filhos/as, leva a que estas crianças exerçam este tipo de influência. Por outro lado, foi igualmente demonstrado que a relação com os/as sobrinhos/as levou a uma maior reflexão sobre o desejo parental e a parentalidade o que, consequentemente, levou à diminuição do desejo parental existente. Esta reflexão surgiu através da relação com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados, por terem sido percebidas as exigências associadas à parentalidade e por terem sido experienciados sentimentos de amor semelhantes por estas crianças, aos que sentiriam se tivessem filhos/as, fazendo com que exista uma cessação do desejo parental. Congruente com estes resultados, no estudo qualitativo de Blackstone e Stewart (2016) com pessoas que não queriam ser pais/mães, foi revelado por uma das participantes, que por assistir às dificuldades dos seus irmãos com as suas sobrinhas, optou por não querer ter filhos.

Contudo e contrariamente ao evidenciado no estudo de Blackstone e Stewart (2016), foi revelado pelos participantes que não desejavam ter filhos que os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as não contribuíram para a decisão de não constituírem família com filhos, mas reforçaram esta decisão. Os participantes que decidiram não ser pais/mães consideram que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as não contribuíram para esta decisão, mas reforçaram-na. Neste sentido, foi demonstrado existir um maior conforto

relativamente à decisão de não ter filhos, porque se surgirem desejos parentais, estes podem ser colmatados através da relação estabelecida com o sobrinho. O que é concordante com o demonstrado no estudo de Bergstrom-Lynch's (2015) com casais do mesmo sexo que não queriam ter filhos, dado que através da relação com os/as sobrinhos/as, consumavam desejos parentais súbitos sem terem a responsabilidade parental. Ainda neste sentido, foi demonstrado no presente estudo que com o papel de tio há um acesso parte positiva da parentalidade, acompanhando o desenvolvimento de uma criança, sem as responsabilidades associadas à parentalidade.

Contrariamente ao evidenciado no estudo de Araldi e Serralta (2019), não foi demonstrado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as fossem um dos motivos para as pessoas LGB aspirarem à parentalidade. Sendo o presente estudo o primeiro até à data a estudar explicitamente a influência dos/as sobrinhos e/ou afilhados/as na aspiração parental de pessoas LGB, faz sentido que sejam mais bem analisadas as influências destas crianças na parentalidade, comparativamente a estudos que demonstraram alguma evidência de uma forma não esperada. Contudo, o presente estudo destaca ainda outro tipo de influência, que não tinha sido evidenciada na literatura, isto é, a influência dos sobrinhos/as e/ou afilhados na intensificação do desejo parental. Assim, foi revelado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as intensificam os desejos parentais, visto que pelas relações de proximidade e amor estabelecidas com estas crianças e observação da fragilidade delas, há ativação de um lado protetor e cuidador, aumentando os desejos de proteção e, conseqüentemente, os desejos parentais. Desta forma, os/as sobrinhos/os e/ou afilhados/as, pelas relações de amor, cuidado e reciprocidade estabelecidas, influenciam a aspiração à parentalidade de pessoas LGB, contudo desempenham diversos tipos de influências, uma vez que, podem fazer com o desejo parental surja, se intensifique, seja refletido/questionado ou até colmatado.

Ainda relacionado com o conceito de aspiração parental, foi referenciado pelos participantes que é expectável que a parentalidade seja desafiante, mas simultaneamente uma grande realização pessoal, por um lado pela concretização de um objetivo e, por outro, pelos sentimentos intensos de amor e carinho pelo filho/a. Efetivamente os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as parecem influenciar a construção das expectativas associadas à parentalidade. Neste sentido, verificou-se que é expectável os sentimentos de amor incondicional pelos filhos/as porque já sentiram uma amor intenso pelos sobrinhos/as e/ou afilhados/as, sentimento esse nunca antes vivido até à presença destas

crianças na sua vida. E, por outro lado, são igualmente idealizadas tanto as dificuldades no exercício parental, como as descobertas que as crianças irão fazer. Deste modo e através das relações singulares e recíprocas estabelecidas entre tios/as e sobrinhos/as (Langer e Ribarich 2007; Milardo, 2005) são formadas expectativas parentais baseadas nestas relações assentes no amor.

De facto, na literatura tem sido evidenciado que os tios/as desempenham papéis fundamentais na vida dos sobrinhos/as, sendo estas relações diferentes de qualquer outra relação estabelecida com familiares, visto que, um tio pode ser um mentor, ajudar na resolução de conflitos no seio familiar, auxiliar na solidificação das relações familiares ou ser um amigo. Enquanto amigo, pode partilhar os mesmos gostos que o sobrinho, apoiar, dar sugestões e partilhar momentos com ele. A única diferença deste tipo de relação entre tio/a e sobrinho/a, para outra relação de amizade é que existem laços familiares já estabelecidos (Langer & Ribarich, 2007; Milardo, 2005). Contudo, este estudo demonstra que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as também podem desempenhar papéis igualmente importantes e influenciar as conceções dos/as tios/as e padrinhos/madrinhas. Neste sentido, foi demonstrado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/das influenciam as conceções de parentalidade e como os seus tios/as e/ou padrinhos/madrinhas tencionam exercê-la no futuro. Os participantes associaram a parentalidade ao cuidado, à transmissão de uma boa educação, à responsabilidade e ao desenvolvimento pessoal. A formação destas representações de parentalidade, foram influenciadas tanto pelas relações únicas, próximas e baseadas no amor estabelecidas entre os/as sobrinhos/as – tios/as e afilhados/as e padrinhos/madrinhas, como pela observação das dinâmicas parentais entre estas crianças e as suas figuras parentais. É ainda importante referir que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as não só influenciam os tios/tias e/ou padrinhos/madrinhas na forma como se representa a parentalidade, como permitem que haja uma reflexão sobre o modelo de pais/mães que estes ambicionam ser, aplicando já estas conceções e reflexões nas relações com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as.

Como foi referido anteriormente, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as não exercem apenas influência nos domínios de parentalidade, mas também na conceptualização de família. Foi referenciado pelos participantes, a importância da coparentalidade no exercício parental, pelo apoio dos parceiros e de outras pessoas em redor. A coparentalidade tem sido definida como as dinâmicas relacionais estabelecidas

entre as figuras parentais e decorre quando os pais partilham responsabilidades na educação de uma criança, podendo existir apoio ou por outro lado, pouco suporte entre os pais (Feinberg, 2003; Feinberg, Brown & Kan, 2012). Inclusivamente, as relações coparentais demonstraram ser fundamentais no ajustamento das figuras parentais, qualidade parental e desenvolvimento das crianças (Feinberg, 2003; Feinberg, Brown & Kan, 2012). Neste sentido, foi referido que a presença de um/uma companheiro/a na educação de um/uma filho/a tem diversos benefícios, visto que pode ajudar a nível financeiro, emocional e por ser igualmente um/uma pai/mãe para a criança, este/a auxilia na partilha de tarefas e responsabilidades. Do mesmo modo e segundo Feinberg (2003), as qualidades da relação coparental, estabelecida entre as figuras parentais, exerce uma influência direta tanto no ajustamento da criança, como no exercício parental.

Para outros participantes, não é importante a presença de um/uma companheiro/a, mas sim uma rede de pessoas à volta que partilham a educação da criança, sendo apresentados diversos benefícios. Por um lado, pela ajuda financeira e emocional, por permitirem que a criança tenha contacto com outras vivências e, por outro lado, pela educação da criança não estar vinculada a uma relação amorosa entre os pais/mães. Se inicialmente a literatura se focou nas relações entre o exercício parental, desenvolvimento das crianças e qualidade da relação entre um casal, os estudos têm demonstrado que as relações coparentais e as suas influências na família, explicam de uma melhor forma, o desenvolvimento infantil (Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010). Assim, o conceito de relação coparental não integra relações conjugais, sexuais, emocionais e financeiras entre os adultos (Feinberg, 2003). Para estes participantes, além de não perspetivarem a relação coparental a uma relação conjugal, como descrito inicialmente por alguns dos participantes, a relação coparental pode ser desempenhada não só pelas figuras parentais, contrariamente ao evidenciado por Feinberg (2003), mas sim por todas as pessoas que partilham a educação da criança.

Apesar do estudo de Belsky, Putnam e Crnic (1996) demonstrar que as relações familiares influenciam o desenvolvimento infantil, este estudo ainda se focou na aliança coparental estabelecida entre o pai e a mãe da criança. Contudo, Van Egeren e Hawkins (2004) vêm mostrar outra perspetiva relativamente ao conceito de coparentalidade, concordante com o evidenciado pelos participantes, dado que referem que *“a relação coparental existe quando pelo menos dois indivíduos assumem, por mútuo acordo ou pelas normas sociais, ter a responsabilidade conjunta pelo bem-estar de uma criança*

particular” (p. 166). Para além disso, e ainda segundo Van Egeren e Hawkins (2004), este conceito de coparentalidade abrange pessoas que não estão numa relação amorosa, mães jovens que partilham a educação do filho/a com as suas mães e culturas onde a responsabilidade de educar uma criança, é comum a todos os elementos do grupo. Assim, estes participantes retratam a coparentalidade de uma forma transversal, sobrepondo-se aos valores da família tradicional, sendo este conceito significativamente desconstruído.

Foi igualmente reforçada a reduzida implicação dos laços biológicos na criação e manutenção das relações de amor e cuidado, visto que foi considerado que não é essencial ter filhos/as biológicos para estabelecer relações de amor e cuidado. Esta reflexão remete para o conceito de parentesco (*kinship*). Segundo Schneider (1984), inicialmente, o parentesco era conceptualizado como uma relação assente na biologia, que surgiria da reprodução sexual humana, processo este independente de fatores culturais. Contudo, esta definição não distinguia os conceitos de consanguinidade e parentesco, apesar destes serem diferentes. Ainda segundo Schneider (1984), na consanguinidade existe um laço sanguíneo, já no parentesco pode não existir uma ligação consanguínea entre as pessoas, uma vez que o parentesco é único e exclusivamente um conceito construído socialmente, embora assente nas necessidades e predisposições das pessoas. Neste sentido, o que os participantes referem é esta diferenciação entre os laços consanguíneos e filiativos e o parentesco, já que se existir uma vontade de construir relações de amor, irão construí-la mesmo não existindo uma ligação biológica, visto que e como evidenciado na literatura, as relações construídas entre as pessoas não são meramente consanguíneas.

Verificou-se ainda que os/as sobrinhos/as influenciaram a desconstrução da coparentalidade vinculada a conceptualização de família tradicional. Para alguns participantes, através das relações com os/as sobrinhos/as, foi possível compreender a importância do apoio entre os pais, avós e tios na educação deles, associando a parentalidade à ideia de comunidade. Esta ideia da parentalidade como comunitária associa-se ao conceito de familismo. Segundo Triandis, Marin, Betancourt e Chang (1982) o conceito de familismo pressupõe que exista uma grande identificação com os familiares, sentimentos de inclusão no seio da família nuclear e alargada, reciprocidade entre os familiares ao nível do apoio como das exigências e sentimentos de pertença, lealdade, solidariedade e reciprocidade. De acordo com Knight, Mazza e Carlo (2018) o conceito de familismo é composto por diversos valores, como por exemplo, é exigido que as crianças cuidem dos irmãos mais novos, forneçam apoio emocional a familiares

quando é necessário e que respeitem os familiares. Assim, a noção de familismo apesar de se basear na entajuda e inclusão entre a família alargada, é um conceito assente na consanguinidade. Contudo, os participantes do presente estudo, influenciados pelas relações com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as, expandem o conceito de familismo não o conceptualizando como evidenciado por Triandis et al. (1982) e Knight et al. (2018), visto que não o associam à consanguinidade. Desta forma, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as parecem influenciar tanto a desconstrução da coparentalidade vinculada a uma família tradicional, como influenciam os/as tios/as e padrinhos/madrinhas a conceptualizar a parentalidade como uma comunidade em que todos têm a função de ajudar os familiares, como no conceito de familismo. Para além disto, foi ainda explicitado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciaram a compreensão de que não é necessário estas crianças serem filhos/as para construírem uma ligação profunda de amor, como as estabelecidas entre pais/mães e filhos/as. Neste sentido, as relações com os/as sobrinhos/as baseadas no amor, reciprocidade, amizade e cuidado (Milardo, 2005) podem ajudar a desconstruir a ideia de família tradicional baseada em ligações filiativas e repensar na ideia de parentesco, que é um conceito exclusivamente cultural e fundamentado no que os indivíduos pretendem fazer (Schneider, 1984). Assim, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as parecem influenciar a forma como se concebe a família e a parentalidade, dissociando-as das ligações biológicas e conjugais e privilegiando os laços afetivos.

Por fim, foram ainda referenciadas as dificuldades acrescidas às famílias homoparentais, devido ao preconceito na sociedade e no seio familiar. Para além disso, foi evidenciado como a ligação à comunidade LGBT pode proteger os indivíduos LGB dos efeitos do preconceito na aspiração à parentalidade. Foram apresentadas pelos participantes dificuldades, medos e receios por ainda ser vigente o preconceito no contexto social, apesar da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da homoparentalidade. Neste sentido, foram manifestadas preocupações que o filho/a sofra por ter pais/mães LGB e foram reveladas algumas dificuldades sentidas para a concretização da parentalidade, pelos elevados esforços financeiros exigidos para adotar ou recorrer a métodos de reprodução assistida e por ser exigido uma grande reflexão e planeamento. Congruente com os resultados evidenciados, no estudo de Brown et al. (2009) com 182 mulheres lésbicas e homens gays que adotaram crianças, foi referido por 169 participantes obstáculos particulares relativamente à adoção. Neste sentido, foram

denunciados como obstáculos: situações de discriminação a nível social, individual e pelas instituições; incertezas relativamente às competências parentais, o que está relacionado com a internalização da homofobia e do preconceito sobre as famílias homoparentais e medo de que os seus filhos/as não sejam aceites pela comunidade, pelo estigma e discriminação vigentes. Da mesma forma, no estudo qualitativo de Berkowitz e Marsiglio's (2007), verificou-se que os participantes tinham preocupações sobre o futuro das crianças pela discriminação, e pelas dificuldades que elas poderiam vir a sofrer por terem uma família homoparental. Igualmente, foi demonstrando pelo estudo de Shenkman (2012) com 183 homens gays, que devido ao preconceito existente na sociedade e pelas dificuldades acrescidas à concretização da homoparentalidade, verificou-se que embora os participantes sintam desejo parental, não se sentem confiantes que irão realizar esses desejos. Consistente com o evidenciado na literatura, é referido pelos participantes dificuldades ao nível da exigência dos recursos financeiros e do planeamento e evidenciados receios acrescidos à homoparentalidade, muito pelo preconceito ainda vigente na sociedade. Efetivamente, o preconceito contra as famílias homoparentais ainda é uma realidade, apesar da literatura ter evidenciado de forma consistente que a sexualidade dos indivíduos não prejudica as suas competências parentais, nem tão pouco o desenvolvimento das crianças (Goldberg & Gartrell, 2014; Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2013). Assim, estas dificuldades acrescidas à concretização da homoparentalidade constituem-se barreiras para estes indivíduos aspirarem à parentalidade.

Para além disso, foram descritas as dificuldades que a família teve ou tem ainda em aceitar a orientação sexual dos participantes, enquanto uns participantes referem que atualmente essas dificuldades foram ultrapassadas, para outros, estas ainda se mantêm. Apesar destas diferenças, todos os participantes consideram fundamental o suporte e participação da sua família de origem na educação de um filho/a. Esta evidência relaciona-se com o conceito de familismo (Triandis et al., 1982), visto que é dada muita importância à família e à sua integração no seio familiar, ainda que a família de origem não seja aceitante. Efetivamente, no estudo de Starrels e Holm (2000) foi demonstrado que quanto maior o contacto e apoio do seio familiar, maior o desejo e intenção parental. De facto, no presente estudo, os participantes relataram que não se sentem apoiados pela família, acreditando que se casarem ou tiverem filhos/as, a família não os irá apoiar. Assim e de acordo com os resultados do estudo de Starrels e Holm (2000), pelos

participantes do presente estudo não se sentirem apoiados pela sua família de origem, devido aos preconceitos ainda evidenciados, esta falta de apoio pode levar a que aspirem menos à parentalidade, até porque foi referido por todos eles que é muito importante a participação dos familiares na educação de um filho/a. Apesar da maioria dos participantes se sentirem pouco aceites, uma participante revela que apesar da pouca aceitação da sua orientação sexual considera que se tiver filhos/as, os pais iriam apoiá-la. Novamente, esta reflexão associa-se ao conceito de familismo (Triandis et al., 1982), visto que há a ideia central da importância dos laços familiares, em que apesar das dificuldades na aceitação da orientação sexual, a família irá acabar por integrá-la. Inclusivamente, esta evidência vai ao encontro do evidenciado na literatura, uma vez que, tem sido demonstrado que a constituição de família com filhos melhora as relações de homens gays e mulheres lésbicas com os seus familiares (DeMino, Appleby & Fisk, 2007; Gianino, 2008). Efetivamente, no estudo de Costa, Tasker, Carneiro, Pereira e Leal (2020), com mães lésbicas portuguesas, foram evidenciadas dificuldades iniciais por parte dos pais das participantes em aceitar a decisão delas em constituir família com filhos/as. Contudo, com o nascimento das crianças a relação das participantes com os pais foi restaurada, através da criação e solidificação da ligação afetiva com estas crianças. Assim, a falta de aceitação da orientação sexual por parte dos familiares, pode ser um obstáculo para os indivíduos LGB aspirarem à parentalidade, pelos participantes acreditarem que a família de origem não irá aceitar se eles tiverem filhos/as. Contudo, os estudos têm evidenciado que a entrada de crianças no seio familiar restaura as relações familiares, aumentando os sentimentos de coesão e pertença no seio familiar e, conseqüentemente, a prevalência dos valores de familismo face à dificuldade de aceitação.

Por fim, foi explicitada a relevância da ligação à comunidade LGBT na aspiração à parentalidade. Todos os participantes revelaram que mantinham uma ligação à comunidade LGBT, sendo referido que a ligação a esta comunidade é fundamental, por aí terem sentido um maior apoio e empatia entre os membros. Coerente ao referido e segundo Haldeman (2007), a comunidade LGBT tanto permite aos indivíduos se desenvolverem a nível emocional e social, como oferece sentimentos de coesão e bem-estar. Neste sentido, a comunidade LGBT tem efeitos reparadores e protetores nos indivíduos, porque lhes permite identificarem-se com outras pessoas na mesma circunstância que eles e atenuar os sentimentos de culpa, por vezes sentidos devido ao preconceito existente na sociedade (Haldeman, 2007). Desta forma, a ligação direta ou

indireta à comunidade LGBT é fundamental por um lado, por permitir um maior sentimento de inclusão, empatia e coesão nas pessoas e por ter um efeito reparador no preconceito vigente. Neste sentido, foi demonstrado no estudo de Riskind, Patterson e Nosek (2013) que mulheres lésbicas e homens gays que viviam em contextos onde existia uma maior aceitação da comunidade LGBT, tinham mais confiança que iriam constituir família com filhos futuramente. Para além disso, estudos portugueses têm demonstrado que a ligação à comunidade LGBT tem um efeito mediador no distress psicológico e que os sentimentos de pertença e ligação com a comunidade LGBT levam a uma menor vivência de solidão (Ribeiro-Gonçalves, Costa & Leal, 2019; Ribeiro-Gonçalves, Pereira, Costa, Leal & Vries, 2021). Assim, a comunidade LGBT ao proteger os indivíduos do preconceito e discriminação existente na sociedade, permite que as repercussões do preconceito na aspiração parental sejam minimizados.

Limitações

Este estudo apresenta algumas limitações, a nível amostral e a relativamente à forma como foram realizadas as entrevistas. Relativamente à amostra, estão presentes algumas limitações pela dimensão reduzida da mesma, o que impossibilita uma maior diversidade de dados e experiências, e pelo facto de a amostra não ser completamente homogénea ao nível da idade, género e orientação sexual dos participantes. A idade dos participantes deste estudo estabeleceu-se entre os 23 e os 34 anos, o que é um fator limitador por não possibilitar a pluralidade de experiências que podem ser reais noutras faixas etárias. Por outro lado, este estudo integrou apenas 3 mulheres, duas delas lésbicas e uma bissexual, o que se constitui como outra limitação importante, dado que impede igualmente, a diversidade de experiências, reflexões e vivências. Por fim, uma outra limitação deste estudo está relacionado com o facto de todas as entrevistas terem sido realizadas *online*, através do Skype e do Zoom, pelo contexto atual da pandemia. As entrevistas ao realizarem-se *online*, podem prejudicar a comunicação, por ocorrerem algumas interrupções pelas falhas na Internet, bem como dificultam o estabelecimento de uma relação com o participante, por não ser possível aceder à postura física dos participantes impedindo o acesso a outros aspetos da comunicação não verbal dos indivíduos.

Estudos Futuros

Tendo em conta o estudo realizado, são sugeridas algumas propostas de investigação para estudos futuros. Propõe-se uma investigação com uma amostra de uma maior dimensão, com as pessoas LGB, sem filhos e com sobrinhos/as e/ou afilhados/as, com o objetivo de diversificar as experiências e reflexões permitindo um aprofundamento do conhecimento sobre este tema. Propõe-se também que se realizem estudos com uma amostra de pessoas LGB, com sobrinhos/as e/ou afilhados/as e com filhos uma vez que as dinâmicas estabelecidas entre os/as sobrinhos/as – tios/as e afilhados/as – padrinhos/madrinhas possivelmente são diferentes, podendo ter ou não influência na aspiração parental. Por fim, sugere-se uma investigação com indivíduos transgéneros, dado que ainda é um tema desconhecido a compreensão de como os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as podem influenciar a aspiração parental destas pessoas.

Conclusão

O presente estudo demonstrou que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as podem exercer diversos tipos de influências na aspiração parental, na conceptualização de parentalidade e de família. Foi demonstrado que as relações com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados são únicas e assentes na reciprocidade entre os intervenientes. Efetivamente, foi elucidado pelos participantes que as relações estabelecidas com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as são fundamentadas no amor, carinho e cuidado. Pelo amor e afeto serem os sentimentos base de uma relação filiativa, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados são muitas vezes olhados pelos tios/as e/ou padrinhos/madrinhas, como se fossem seus filhos/as, já que os sentimentos nutridos por eles são igualmente profundos. Desta forma, e através do estabelecimento destas relações, os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as parecem exercer diversos tipos de influência na forma como os/as tios/as e/ou padrinhos/madrinhas retratam a parentalidade e os valores de família.

No que concerne à conceptualização de família, verificou-se que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as influenciam os tios/as e padrinhos/madrinhas na desconstrução dos valores da família tradicional. Dado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as não estão necessariamente ligados a laços biológicos e genéticos estabelecidos, foi evidenciado que os laços biológicos não têm importância na construção de uma relação de amor e carinho. Efetivamente, há uma relação entre esta evidência e o conceito de parentesco. Se inicialmente o parentesco (*kinship*), era definido como uma

relação fundamentada na biologia, atualmente o conceito de parentesco é construído socialmente e é independente das ligações genéticas e consanguíneas entre as pessoas (Logan, 2013; Schneider, 1984). Assim, este estudo pode contribuir para a mudança de paradigma relativamente à conceptualização de família. Por um lado, porque através da observação que os/as tios/as e/ou padrinhos/madrinhas fazem da relevância que o apoio da família tem na educação do/da sobrinho/a e/ou afilhado/a, permite-lhes representar a parentalidade como comunitária. Neste sentido, todos os familiares estão presentes e disponíveis para educar aquela criança e qualquer um deles pode desempenhar papéis parentais. Por outro lado, foi realçado pelos participantes a importância do estabelecimento de relações de amor e cuidado em detrimento das relações filiativas biológicas. Efetivamente, as relações com os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as, levaram os participantes deste estudo a compreender que para estabelecer relações de amor, não tem que existir necessariamente uma relação biológica entre duas pessoas, dado que o que os participantes nutrem pelos sobrinhos/as e/ou afilhados são sentimentos idênticos aos vivenciados nas relações entre pais/mães e filhos/as.

Os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as demonstraram exercer diversos tipos de influências na aspiração parental dos participantes. Para alguns participantes, estas crianças despertaram o desejo para a parentalidade, enquanto para outros participantes houve uma intensificação do desejo parental existente, pelo surgimento dos desejos de proteção relativamente aos sobrinhos/as e/ou afilhados/as. Contudo, foi também realçado que a relação com estas crianças leva a uma reflexão do desejo parental e até uma cessação do desejo de ter filhos. Por um lado, por serem observadas dificuldades nas dinâmicas entre pais/mães e filhos/as, pela percepção de exigência do exercício parental e, por outro lado, por serem experienciados sentimentos de amor tão intensos por estas crianças, que acreditam ser idênticos aos sentidos pelos filhos/as. Para além da influência dos/das sobrinhos/as e/ou afilhados/as no desejo e intenção parental, estas crianças exercem igualmente uma influência nas expectativas criadas, sendo realçado por alguns participantes que esperam vivenciar um amor incondicional pelos filhos/as, uma vez que já experienciaram sentimentos nunca antes vivenciados antes da relação com estas crianças. No caso dos participantes que não sentiam desejo de ter filhos, foi evidenciado que os/as sobrinhos/as e/ou afilhados/as não contribuíram para a decisão de não ter filhos, mas reforçaram-na, visto que se surgirem desejos parentais intensos estes podem ser colmatados na relação estabelecida com a criança.

As representações de parentalidade são influenciadas tanto pela proximidade da relação construída entre os participantes e os seus sobrinhos/as e/ou afilhados/as, como pela observação que estes fazem das dinâmicas entre estas crianças e os seus pais/mães. Neste estudo, os participantes conceptualizaram a parentalidade como ligada ao cuidado, à educação, à responsabilidade e ao desenvolvimento pessoal. Para além da influência dos/das sobrinhos/as e/ou afilhados/as na forma como se conceptualiza a parentalidade, estas crianças também influenciam a criação de um modelo de pais/mães que é desejado seguir se tiverem filhos.

Por fim, foi denunciado pelos participantes o preconceito emergente tanto na sociedade, como no seio familiar. De facto, tem sido demonstrado nos estudos sobre as atitudes dos portugueses relativamente às famílias homoparentais e direitos das mulheres lésbicas e homens gays (Costa et al. 2013; Costa et al., 2014), que constituição de família com filhos por mulheres lésbicas e homens gays não é aceite. Esta crença foi justificada por motivações religiosas e morais, receios que o desenvolvimento normativo das crianças seja perturbado e dúvidas sobre a competência parental das mulheres lésbicas e homens gays. Inclusivamente, no estudo de Costa et al. (2014), foi demonstrado o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a constituição de famílias com filhos por pessoas LGB, não era aceite pela maioria dos participantes do estudo. De facto, o preconceito e a discriminação pode impedir que as pessoas aspirem à parentalidade, por um lado pela exigência dos custos financeiros associados à adoção e métodos de reprodução assistida e, por outro lado, pelos receios que os filhos/as não sejam aceites na sociedade. Para além disso, a percepção da falta de apoio e presença da família na educação dos filhos pode constituir-se um entrave para a concretização da parentalidade. Contudo, foi demonstrado que a ligação à comunidade LGBT pelo sentimento de pertença, entrelaçada e empatia, pode minimizar os efeitos adversos do preconceito na aspiração parental.

Referências

- Albertini, M., & Kohli, M. (2009). What childless older people give: Is the generational link broken?. *Ageing & Society*, 29, 1261-1274. doi: 10.1017/s0144686x0999033x
- Amato, P. R., & Kane, J. B. (2011). Life-course pathways and the psychosocial adjustment of young adult women. *Journal of Marriage and Family*, 73, 279-295. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00804.x
- Araldi, M. O., & Serralta, F. B. (2019). O processo de construção e a experiência da parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 35, 1-10. doi: 10.1590/0102.3772e35nspe1
- Bailey, M., Bobrow, D., Wolfe, M., & Mikach, S. (1995). Sexual orientation of adult sons of gay fathers. *Developmental psychology*, 31, 124-129. doi: 10.1037/0012-1649.31.1.124
- Baiocco, R., & Laghi, F. (2013). Sexual orientation and the desires and intentions to become parents. *Journal of Family Studies*, 19, 90-98. doi: 10.5172/jfs.2013.19.1.90
- Belsky, J., Putnam, S., & Crnic, K. (1996). Coparenting, parenting, and early emotional development. *New Directions for Child Development*, 74, 45-55. doi: 10.1002/cd.23219967405
- Bergstrom-Lynch, C. (2015). *Lesbians, gays, and bisexuals becoming parents or remaining childfree: Confronting social inequalities*. Lanham, MD: Lexington.
- Berkowitz, D., & Marsiglio, W. (2007). Gay men: Negotiating procreative, father, and family identities. *Journal of Marriage and Family*, 69, 366-381. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00371.x
- Blackstone, A. (2012). "Childless and loving it: Not being a parent has advantages for families and kids", *Bangor Daily News*, July 11, 2012.
- Blackstone, A. (2014). Doing family without having kids. *Sociology Compass*, 8, 52-62. doi: 10.1111/soc4.12102
- Blackstone, A., & Stewart, M. D. (2016). "There's mor thinking to decide": How the childfree decide not to parent. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 24, 1-8. doi: 10.1177/1066480716648676
- Bos, H. M. W., Gartrell, N. K., Balen, F., & Peyser, H. (2008). Children in planned lesbian families: A cross-cultural comparison between the United States and the

- Netherlands. *American Journal of Orthopsychiatry*, 78, 211-219. doi: 10.1037/a0012711
- Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic Analysis. In H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.), *APA handbook of research methods in psychology, Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (p. 57–71). Washington: American Psychological Association.
- Brown, S., Smalling, S., Groza, V., & Ryan, S. (2009). The experiences of gay men and lesbians in becoming and being adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 12, 229-246. doi: 10.1080/10926750903313294
- Clarke, V., Hayfield, N., Ellis, S., & Terry, G. (2018). Lived experiences of childfree lesbians in the UK: A qualitative exploration. *Journal of Family Issues*, 39, 4133-4155. doi: 10.1177/0192513X18810931
- Costa, P. A., Almeida, R., Anselmo, C., Ferreira, A., Pereira, H., Leal, I. (2014). University student's attitudes toward same-sex parenting and gay and lesbian rights in Portugal. *Journal of Homosexuality*, 61, 1667-1686. doi: 10.1080/00918369.2014.951253
- Costa, P. A., & Bidell, M. P. (2017). Modern families: Parenting desire, intention, and experience among portuguese lesbian, gay, and bisexual individuals. *Journal of Family Issues*, 38, 1-16. doi: 10.1177/0192513X16683985
- Costa, P. A., Caldeira, S., Fernandes, I., Rita, C., Pereira, H., & Leal, I. (2013). Atitudes da população portuguesa em relação à homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 790-798. doi: 10.1590/s0102-79722013000400020
- Costa, P. A., Leal, I., & Pereira, H. (2012). Homoparentalidade: O estado da investigação e procura de normalização. *Psicologia*, XXVI, 55-69. doi: 10.17575/rpsicol.v26i1.262
- Costa, P. A., Tasker, F., Carneiro, A. F., Pereira, H., & Leal, I. (2020). Reactions from family of origin to the disclosure of lesbian motherhood via donor insemination. *Journal of Lesbian Studies*, 24, 1-11. doi: 10.1080/10894160.2019.1614378
- Costa, V. A. C. C. (2020). *Aspirações à parentalidade em indivíduos poliamorosos: Um estudo qualitativo de acordo com o modelo da teoria de life course*. (Tese de mestrado, não publicada, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa).

- DeMino, K. A., Appleby, G., & Fisk, D. (2007). Lesbian mothers with planned families: A comparative study of internalized homophobia and social support. *American Journal of Orthopsychiatry*, *77*, 165-173. doi: 10.1037/0002-9432.77.1.165
- Farr, R., Forssell, S., & Patterson, C. (2010). Parenting and child development in adoptive families: Does parental sexual orientation matter? *Applied Development Science*, *10*, 164-178. doi: 10.1080/10888691.2010.500958
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, *3*, 95-131. doi: 10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice*, *12*, 1-21. doi: 10.1080/15295192.2012.638870
- Gartrell, N. K., & Bos, H. M. W. (2010). US National Longitudinal Lesbian Family Study: Psychological adjustment of the 17-year-old adolescents. *Pediatrics*, *126*, 28-36. doi: 10.1542/peds.2009-3153
- Gartrell, N. K., Bos, H. M. W., & Goldberg, N. G. (2010). Adolescents of the U.S. National Longitudinal Lesbian Family Study: Sexual orientation, sexual behaviour, and risk exposure. *Archives of Sexual Behaviour*, *40*, 1199-1209. doi: 10.1007/s10508-010-9692-2
- Gates, G. J. (2015). Marriage and Family: LGBT individuals and same-sex couples. *The Future of Children*, *25*, 67-87. doi: 10.1353/foc.2015.0013
- Gato, J., Leal, D., & Tasker, F. (2019). Parenting desires, parenting intentions, and anticipation of stigma upon parenthood among lesbian, bisexual, and heterosexual women in Portugal. *Journal of Lesbian Studies*, *23*, 451-463. doi: 10.1080/10894160.2019.1621733
- Gato, J., Santos, S., & Fontaine, A. M. (2017). To have or not to have children? That is the question. Factors influencing parental decisions among lesbian and gay men. *Sexuality Research & Social Policy: A Journal of the NSRC*, *14*, 310-323. doi: 10.1007/s13178-016-0268-3
- Gianino, M. (2008). Adaptation and transformation: The transition to adoptive parenthood for gay male couples. *Journal of GLBT Family Studies*, *4*, 205-243. doi: 10.1080/1550428X.2020.1711838

- Gillespie, R. (1999). Voluntary childlessness in United Kingdom. *Reproductive Health Matters*, 7, 43-53. doi: 10.1016/S0968-8080(99)90111-8
- Goldberg, A. E. (2010). Children of lesbian and gay parents: Adjustment and experiences. In A. E. Goldberg (Ed.), *Division 44: Contemporary perspectives on lesbian, gay, and bisexual psychology. Lesbian and gay parents and their children: Research on the family life cycle* (pp. 125–156). Washington, DC: American Psychological Association.
- Goldberg, A. E. (2012). Decisions, decisions: Gay men turn toward parenthood. In Goldberg, A. E. *Gay Dads: Transitions to Adoptive Fatherhood* (Chap. 1, p. 25-61) New York: New York University Press.
- Goldberg, A. E., & Gartrell, N. K. (2014). LGB-Parent families: The current state of the research and directions for the future. *Advances in Child Development and Behavior*, 46, 57-88. doi: 10.1016/B978-0-12-800285-8.00003-0
- Golombok, S., Perry, S., Burston, A., Murray, C., Mooney-Somers, J., & Stevens, M., & Golding, J. (2003). Children with lesbian parents: A community study. *Developmental Psychology*, 39, 20-23. doi: 10.1037/0012-1649.39.1.20
- Golombok, S., & Tasker, F. (1996). Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from longitudinal study of lesbian families. *Development Psychology*, 32, 3-11. doi: 10.1037/0012-1649.32.1.3
- Haldeman, D. C. (2007). The village people: Identity and development in the gay male community. In K. J. Bieschke, R. M. Perez, & K. A. Debord (Eds.), *Handbook of counseling and psychotherapy with lesbian, gay, bisexual, and transgender clientes* (pp. 71-89). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hayfield, N., Terry, G., Clarke, V., & Ellis, S. (2019). “Never say never?” Heterosexual, bisexual, and lesbian women’s accounts of being childfree. *Psychology of Women Quarterly*, XX, 1-13. doi: 10.1177/0361684319863414
- Knight, G. P., Mazza, G. L., & Carlo, G. (2018). Trajectories of familism values and the prosocial tendencies of Mexican American adolescents. *Developmental Psychology*, 54, 378-384. doi: 10.1037/dev0000436.
- Knox, D., & Schacht, C. (2010). *Choices in relationships: An introduction to marriage and the family*. Belmont CA: Wadsworth, Cengage Learning.

- Kosciw, J. G., & Diaz, E. M. (2008). *Involved, invisible, ignored: The experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender parents and their children in our nation's K-12 schools*. New York: GLSEN.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, *12*, 205-216. Doi: 10.1590/S1413-73722010000100022
- Langer, N., & Ribarich, M. (2007). Aunts, uncles – nieces, nephews: Kinship relations over the lifespan. *Educational Gerontology*, *33*, 75-83. doi: 10.1080/03601270600894279
- Lasio, D., Lampis, J., Spiga, R., & Serri, F. (2020). Lesbian and gay individual parenting desires in heteronormative contexts. *Europe's Journal of Psychology*, *16*, 210-228. doi: 10.5964/ejop.v16i2.1808
- Logan, J. (2013). Contemporary adoptive kinship: A contribution to new kinship studies. *Child and Family Social Work*, *18*, 35-45. doi: 10.1111/cfs.12042
- Macmillan, R., & Copher, R. (2005). Families in the life course: Interdependency of roles, role configurations, and pathways. *Journal of Marriage and Family*, *67*, 858-879. doi: 10.1111/j.1741-3737.2005.00180.x
- Mezey, N. (2008). The privilege of coming out: Race, class, and lesbians' mothering decisions. *International Journal of Sociology of the Family*, *34*, 257-276.
- Mezey, N. J. (2013). How lesbian and gay men decide to become parents or remain childfree. In A. E. Goldberg, & K. R. Allen (Eds.), *LGBT-Parent Families: Innovations in Research and Implications for Practice* (pp. 59-70). New York: Springer.
- Milardo, R. M. (2005). Generative uncle and nephew relationships. *Journal of Marriage and Family*, *67*, 1226-1236. doi: 10.1111/j.1741-3737.2005.00212.x
- Mollen, D. (2006). Voluntarily childfree women: Experiences and counseling considerations. *Journal of Mental Health Counseling*, *28*, 269-282. doi: 10.17744/mehc.28.3.39w5h93mreb0mk4f
- Nascer em Portugal (2020). Cada vez menos?. Recuperado de <http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013). *Relatório de evidência científica psicológica sobre relações familiares e desenvolvimento infantil nas famílias homoparentais*. Disponível em: https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/ordem_psis_portugal.pdf

- Orel, N. A., & Coon, D. W. (2016). The challenges of change: How can we meet the care needs of the ever-evolving LGBT family?. *Journal of the American Society on Aging, 40*, 41-45.
- Park, K. (2002). Stigma management among the voluntarily childless. *Sociological Perspectives, 45*, 21-45. doi: 10.1525/sop.2002.45.1.21
- Patterson, C. J. (2013). Sexual Orientation and Family Lives. In C. J. Patterson, & A. R. D'Augelli (Eds.), *Handbook of Psychology and Sexual Orientation*. (pp. 223-236) Oxford: Oxford University Press.
- Potter, D. (2012). Same-sex parent families and children's academic achievement. *Journal of Marriage and Family, 74*, 556-571. doi: 10.1111/j.1741-3737.2012.00966.x
- Ribeiro-Gonçalves, J. A., Costa, P. A., & Leal, I. (2019). Psychological distress in older Portuguese gay and bisexual men: The mediating role of LGBT community connectedness. *International Journal of Sexual Health, 31*, 1-9. doi: 10.1080/19317611.2019.1670315
- Ribeiro-Gonçalves, J. A., Pereira, H., Costa, P. A., & Leal, I. (2021). Loneliness, social support, and adjustment to aging in older Portuguese gay men. *Sexuality Research and Social Policy*, advanced online. doi: 10.1007/s13178-021-00535-4
- Riskind, R. G., & Patterson, C. J. (2010). Parenting intentions and desires among childless lesbian, gay, and heterosexual individuals. *Journal of Family Psychology, 24*, 78-81. doi: 10.1037/a0017941
- Riskind, R. G., Patterson, C. J., & Nosek, B. A. (2013). Childless lesbian and gay adults' self-efficacy about achieving parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice, 2*, 222-235. doi: 10.1037/a0032011
- Ritchie, J., & Lewis, J. (2003). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. London: Sage Publications.
- Rivers, I., Poteat, V. P., & Noret, N. (2008). Victimization, social support, and psychosocial functioning in same-sex and opposite-sex couples in the United Kingdom. *Development Psychology, 44*, 127-134. doi: 10.1037/0012-1649.44.1.127
- Rosenfeld, M. J. (2010). Nontraditional families and childhood progress through school. *Demography, 47*, 755-775. doi: 10.1353/dem.0.0112

- Salinas-Quiroz, F., Costa, P. A., & Lozano-Verduzco, I. (2019). Parenting aspiration among diverse sexual orientations and gender identities in Mexico, and its association with internalized homo/transnegativity and connectedness to the LGBTQ community. *Journal of Family Issues*, *00*, 1-25. doi: 10.1177/0192513X19881675
- Scandurra, C., Bacchini, D., Esposito, C., Bochicchio, V., Valerio, P., & Amodeo, A. L. (2019). The influence of minority stress, gender, and legalization of civil unions on parenting desire and intention in lesbian women and gay men: Implications for social policy and clinical practice. *Journal of GLBT Family Studies*, *15*, 76-100. doi: 10.1080/1550428X.2017.1410460
- Settle, B., & Brumley, K. (2014). "It's the choices you make that get you there": Decision-Making pathways of childfree women. *Michigan Family Review*, *18*, 1-22. doi: 10.3998/mfr.4919087.0018.102
- Schneider, D. M. (1984). *A Critique of the Study of Kinship*. United States of America: The University of Michigan Press.
- Shenkman, G. (2012). The gap between fatherhood and couplehood desires among Israeli gay men and estimations of their likelihood. *Journal of Family Psychology*, *26*, 828-832. doi: 10.1037/a0029471
- Simon, K. A., Tornello, S. L., Farr, R. H., & Bos, H. M. W. (2018). Envisioning future parenthood among bisexual, lesbian, and heterosexual women. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, *5*, 253-259. doi: 10.1002/jclp.10096
- Stacey, J. (2006). Gay parenthood and the decline of paternity as we knew it. *Sexualities*, *9*, 25-55. doi: 10.1177/1363460706060687
- Starrels, M. E., & Holm, K. E. (2000). Adolescents' plans for family formation: Is parental socialization important?. *Journal of Marriage and the Family*, *62*, 416-429. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00416.x
- Tanskanen, A. O. (2015). Childlessness and investment in nieces, nephews, aunts and uncles in Finland. *Journal of Biosocial Science*, *47*, 402-406. doi: 10.1017/S0021932014000339
- Tate, D. P., & Patterson, C. J. (2019). Sexual minority women's attitudes toward infants, children, and parenthood. *Journal of Lesbian Studies*, *23*, 464-475. doi: 10.1080/10894160.2019.1629807

- Tate, D. P., & Patterson, C. J., & Levy, A. J. (2019). Predictors of parenting intentions among childless lesbian, gay, and heterosexual adults. *Journal of Family Psychology, 33*, 194-202. doi: 10.1037/fam0000499
- Triandis, H., Marin, G., Betancourt, H., & Chang, B. (1982). Dimensions of familism among Hispanic and mainstream navy recruits. *Technical Report, 14*, 1-12. Doi: 10.21236/ada114898
- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development, 11*, 165- 178. doi: 10.1023/b:jade.0000035625.74672.0b

Anexos

Anexo 1 – Carta de Consentimento Informado

O presente estudo está a ser desenvolvido no âmbito de uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, pela aluna Inês Filipa Santos Parente, sob orientação do Professor Doutor Pedro Alexandre Costa no ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. O objetivo deste estudo é compreender se a relação com os sobrinhos e/ou afilhados influencia, e de que forma, a aspiração à parentalidade em pessoas LGB (lésbicas, gays e bissexuais). Para esse efeito, gostaríamos de entrevistar sujeitos LGB, entre os 20 e os 40 anos, com sobrinhos e/ou afilhados e sem filhos. Reforçamos que gostaríamos apenas de saber a sua experiência em relação à aspiração parental, pelo que, para participar no estudo pode ou não ter presente aspiração para a parentalidade. A aspiração para a parentalidade integra o desejo de ter filhos, planear sobre o assunto, as motivações e as expetativas parentais e a reflexão sobre a mesma.

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética do ISPA, sendo assegurado o anonimato e a confidencialidade da informação disponibilizada na entrevista. As entrevistas irão ser realizadas por Skype, sendo gravado o áudio das mesmas e têm uma duração de 30 a 45 minutos. O áudio da entrevista será gravado, para fins de transcrição, sendo que, após ser realizada a mesma, o áudio será completamente destruído. De forma a garantir o anonimato dos participantes na transcrição, elementos como nomes, locais ou outra informação que permita identificar o participante, irão ser alterados. A participação neste estudo não acarreta qualquer custo ou risco para si e a sua participação é livre e voluntária, pelo que é seu direito não responder a alguma questão no decorrer da entrevista, bem como, desistir a qualquer momento da investigação, sendo que, após o final da entrevista os participantes têm o período máximo de duas semanas para comunicar a desistência. Caso seja essa a sua intenção, pode comunicar a sua desistência via e-mail, sem existir qualquer prejuízo ou necessidade de justificação da sua decisão. Agradecemos desde já a sua atenção e para qualquer esclarecimento ou dúvida relativamente ao estudo, não hesite em contactar os seguintes e-mails: ines.s.parente14@gmail.com e pcosta@ispa.pt.

Eu _____, declaro que tomei conhecimento das condições da investigação e aceito a participação neste estudo.

Assinatura do participante: _____

Data: ____/____/____

Assinatura da investigadora: _____

Anexo 2 – Carta de Esclarecimento Pós-Investigação

Gostaríamos de agradecer a sua participação e contribuição para este estudo. O objetivo deste estudo é compreender se a relação com os sobrinhos e/ou afilhados influencia, e de que forma, a aspiração à parentalidade em pessoas LGB (lésbicas, gays e bissexuais). Este estudo é pertinente, uma vez que, ainda existe pouca literatura relativamente a este tema e, para além disso, ao compreender a experiência de cada participante isto possibilita identificar obstáculos ainda evidenciados. Com este estudo é ainda possível reconhecer as necessidades, obstáculos e forças das famílias LGB, de forma a informar através da ciência, as práticas de profissionais que trabalham com as minorias sexuais.

Os dados recolhidos nesta investigação vão ser usados para o desenvolvimento do estudo e integram a dissertação de mestrado que vai ser presente a um júri e ser objeto de avaliação. Para além disso, os dados podem ser utilizados em publicações científicas e congressos, resguardando sempre a confidencialidade e anonimato dos mesmos.

Caso surja alguma dúvida ou exista necessidade de algum esclarecimento sobre o estudo, estamos disponíveis para qualquer esclarecimento, através dos e-mails: ines.s.parente14@gmail.com e pcosta@ispa.pt.

No caso de a entrevista ter tornado subjacente algum tipo de dificuldade, estão aqui alguns contactos que poderão ajudar: ILGA Portugal - ilga@ilga-portugal.pt (+351 218 873 918; +351 969 367 005), Opus Diversidades (+351 924 467 485) e Rede Ex Aqueo - geral@rea.pt (+351 968 781 841).

Mais uma vez, muito obrigada pela sua participação.

Assinatura da investigadora: _____

Data: ____ / ____ / ____